

UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

A ROMARIA VIRTUAL DE NAZARÉ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, para a obtenção de título de Mestre em Comunicação,

ARIANA NASCIMENTO DA SILVA

São Paulo
2015

UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ARIANA NASCIMENTO DA SILVA

A ROMARIA VIRTUAL DE NAZARÉ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, para a obtenção de Título de Mestre em Comunicação, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Miklos.

Área de Concentração: Comunicação e Cultura Midiática

Linha de Pesquisa: Contribuições da Mídia para interações entre Grupos Sociais

São Paulo

2015

Silva, Ariana Nascimento da.

A romaria virtual de Nazaré / Ariana Nascimento da Silva. - 2015.
98 f. : il. color. + CD-ROM.

Dissertação de Mestrado Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2015.

Área de Concentração: Linha de Pesquisa: Contribuições da Mídia para Interações entre Grupos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Miklos.

1. Comunicação e religião. 2. Ciber-religião. 3. Midiatização.
4. Ritual religioso. 5. Círio de Nazaré.

I. Miklos, Jorge (orientador). II. Título

ARIANA NASCIMENTO DA SILVA

A ROMARIA VIRTUAL DE NAZARÉ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, para a obtenção de Título de Mestre em Comunicação, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Miklos.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jorge Miklos (Orientador)

Universidade Paulista – UNIP

Prof. Dra. Joana Terezinha Puntel

Faculdade Paulus em Tecnologia e Comunicação - FAPCOM

Prof. Dra. Malena Segura Contrera

Universidade Paulista - UNIP

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, especialmente a minha mãe e meu padrasto, que sempre me apoiaram para que eu pudesse chegar até aqui. Todas as vezes que eu pensei em desistir, eles estavam lá para me dar forças a continuar e intercederem por mim em suas orações e pedidos a Deus e a Virgem de Nazaré.

Aos meus alunos, que de certa forma me motivaram muito a continuar com este projeto pessoal e a todos aqueles que contribuíram direta e indiretamente durante este período de ausências, angústias e muitas dúvidas na construção deste trabalho, eu dedico de todo o coração a finalização dessa dissertação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus e aos seres da Noosfera, que pude conhecer e respeitar ao longo dessa incrível jornada pelo universo da comunicação.

Qualquer manifestação de agradecimento será muito pouco ao me referir ao meu mais que orientador o Prof. Dr. Jorge Miklos, que acreditou mais em mim do que eu mesma acreditei no começo da jornada, pela sua imensa paciência, bondade e generosidade mesmo antes de eu ser de fato sua orientanda, por todos os textos, livros e conselhos que ele me deu. A ele eu transmito os meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço também ao coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática, Prof. Dr. Mauricio Ribeiro da Silva, pela imensa cortesia e gentileza comigo durante este período.

Agradeço à CAPES/PROSUP, pelo financiamento e credibilidade que depositaram em minha pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer a Prof.^a Dra.^a Malena Segura Contrera, pela sua inestimável contribuição nesse trabalho, cujos apontamentos foram essenciais a este texto, sem os quais não teria os mesmos contornos que agora apresentam, sem esquecer dos inúmeros momentos de aprendizado e boas risadas. Nunca vou esquecer as suas aulas da mesma forma que ela não esquecerá dos meus brigadeiros.

À Prof.^a Dra.^a Joana Terezinha Puntel, pela sua contribuição e gentileza em aceitar o convite para as minhas bancas de qualificação e defesa, de seus apontamentos e contribuições acadêmicas.

A minha amiga Carla Mele, pois sem ela eu não teria tido a motivação e a coragem suficiente para fazer o mestrado, foi ela quem mais me estimulou a superar os meus medos e aproveitar a oportunidade que se apresentou.

Ao meu grande amigo e companheiro de jornada Marcos Francisco Stahl, por todas as conversas, mútuas leituras de texto, risos, congressos, seminários, lamentos, brigas e comemorações. Com certeza ele é um amigo para toda a vida.

Aos meus colegas que acompanharam esta trajetória intensa: Ana Lucia Diana, Antonia Marcia Ártico, Cidinha Cunha, Cristiane Hyppolito e Vinicius Souza, pelas nossas conversas sobre o curso e as dificuldades e alegrias que partilhamos ao longo de dois anos.

Gostaria de deixar registrado aqui também o meu singelo agradecimento a uma pessoa que sempre me ajudou com todos os prazos e horários e me manteve alerta: Marcelo Rodrigues, uma pessoa que faz muito além do seu trabalho, ele é realmente uma pessoa indispensável ao Programa de Pós-Graduação da UNIP.

Por último, mas não menos importante eu gostaria de agradecer a duas moças jovens e inteligentes que me surpreenderam ao creditarem a mim uma força e dedicarem uma admiração que eu jamais esperei receber. Elas foram minhas alunas no curso técnico durante o meu período como mestrandia: Stéfany Scalisse e Liliane Farias, a vocês eu agradeço por todas as demonstrações de carinho e admiração.

A todos eu agradeço de coração.

“O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu.”

Max Weber

RESUMO

A pesquisa visa compreender as relações entre Comunicação e Religião, tendo como referencial a midiatização do Círio de Nazaré. O problema da pesquisa diz respeito às alterações culturais no ritual religioso tradicional (a romaria do Círio de Nazaré), quando incorporado à cultura digital. Adotou-se como hipótese que os valores do ritual religioso tradicional sofrem alterações quando colonizados pelo processo de virtualização. A migração para o ciberespaço não implica o fim da experiência presencial, mas paradoxalmente, a midiatização implica o esvaziamento de sentido dos vínculos comunicacionais. Os sentidos de pertencimento e participação da festa são descaracterizados no contexto da teleparticipação. O objetivo é analisar o ritual tradicional do Círio de Nazaré e como a festa religiosa é adaptada para o ambiente virtual: o site do Círio, a página oficial do *Facebook* e os aplicativos para dispositivos móveis – “Aplicativo do Círio” e “Kd a berlinda?” - que foram adotados como corpus da pesquisa. Para investigar a questão, foram percorridos dois momentos metodológicos: o primeiro passo constituído de análise bibliográfica e exploratória a fim de compreender o Círio de Nazaré e o processo de midiatização. Foram basilares os conceitos de vínculo, midiatização, interseção entre mídia e religião e ciber-religião, conforme o enfoque de Alves (2005), Figueiredo (2005), Baitello Jr. (2012), Contrera (2010), Puntel (2008) e Miklos (2012), entre outros. O segundo momento incidiu na coleta de dados do site, *Facebook* e aplicativos. Com essas características, a relevância da pesquisa justifica-se pela contribuição ao campo de estudo das interseções entre mídia e religião a partir de um ponto de vista necessariamente tensional, mais criterioso e denso, dentro do ramo temático.

Palavras-chave: Comunicação e Religião; Ciber-religião; Midiatização; Ritual Religioso; Círio de Nazaré.

ABSTRACT

The research aims to understand the relationship between communication and religion taking as reference the mediatization of "Círio de Nazaré". The problem of the research concerns about which cultural changes of this traditional religious ritual (pilgrimage of "Círio de Nazaré") suffers when incorporated by digital culture. It was adopted as hypothesis that the values of this traditional religious ritual change when they suffer the virtualization process. Migration to cyberspace does not imply the end of the concrete experience, but paradoxically, mediatization implies the emptying of meaning of communication links. The sense of belonging and participation is uncharacterized in the context of virtual participation. The objective is to analyze the traditional ritual of "Círio de Nazaré" and how this religious party is adapted to the virtual environment: the site Círio, the official Facebook page and applications for mobile devices - "Círio application" and "Kd a berlinda?" which were adopted as the research corpus. We go through two methodological phases to investigate the issue: the first phase of research was bibliographic and exploratory in order to understand the "Círio de Nazaré" and its mediatization process. The concepts of link, mediatization, intersection between media and religion, cyber-religion were based on Alves (2005), Figueiredo (2005), Baitello Jr. (2012), Contrera (2010), Puntel (2008) , Miklos (2000), among others. The second phase focused on the data collection on the site, Facebook and applications. With these features, the relevance of the research is justified by the contribution to the field of study of the intersections between Media and Religion from a necessarily tension point of view, more insightful and dense, within this thematic field.

Keywords: Communication and Religion; Cyber-Religion; Mediatization; Religious Ritual; Círio de Nazaré.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Procissão do Círio de Nazaré.....	20
Figura 2 – Cartaz do Círio 2014	23
Figura 3 – Novena em homenagem ao Círio.....	24
Figura 4 – Pequeno altar familiar	25
Figura 5 – Manto que cobriu a santa no Círio 2014.....	26
Figura 6 – Família acompanhando o Círio 2014.....	28
Figura 7 – Almoço do Círio.....	29
Figura 8 – Detalhe do pequeno altar familiar.....	30
Figura 9 – Ilustração do caboclo Plácido	33
Figura 10 – Promesseiros segurando a corda do Círio	35
Figura 11 – Detalhe das feições da imagem autêntica	38
Figura 12 – Detalhe das feições da imagem peregrina	39
Figura 13 - Glória - nicho onde a imagem autêntica fica ao longo do ano	40
Figura 14 – ITA Center Park (Arraial de Nazaré).....	42
Figura 15 – Comissão de frente do Auto do Círio 2014	45
Figura 16 – Festa da Chiquita (Veado de Ouro)	46
Figura 17 – Trasladação	50
Figura 18 – Saída da santa (Basílica)	52
Figura 19 – Detalhe de uma das estações da corda	54
Figura 20 – A corda de titan de sisal oleado.....	54
Figura 21 – Chegada da santa na Praça Santuário.....	56
Figura 22 – Detalhe da página do Círio na internet	64
Figura 23 – Detalhe das abas de navegação da página.....	65
Figura 24 – Foto de capa do Facebook Oficial do Círio Nazaré	66
Figura 25 – Primeiros 60 mil Romeiros Virtuais.....	66
Figura 26 – Primeiros 100 mil Romeiros Virtuais.....	66
Figura 27 – Manifestações feitas pelo Facebook	66
Figura 28 - Teleparticipação do Círio	66
Figura 29 – Participações reais e virtuais simultâneas	66
Figura 30 – Manifestação do sentimento de presença e pertencimento	66

Figura 31 – Anúncio do Aplicativo do Círio 2013	66
Figura 32 – Anúncio do Aplicativo do Círio 2014	66
Figura 33 – Anúncio do aplicativo Kd a Berlinda?	66
Figura 34 – Anúncio convocando os Romeiros Virtuais	66
Figura 35 – Manifestações dos Romeiros Virtuais	66
Figura 36 – Romeiros cortando a corda do Círio.....	66
Figura 37 – Romeira Virtual	66
Figura 38 – Promesseira	66
Figura 39 – Trajeto da Romaria Virtual.....	66
Figura 40 - Promesseira Virtual.....	66
Figura 41 - Promesseiro.....	66

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Mapa do Site	65
------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. O CÍRIO DE NAZARÉ.....	18
1.1 A LENDA.....	20
1.1.1 A OFICIALIZAÇÃO DA DEVOÇÃO.....	36
1.2 A FESTA COMO ELA É HOJE: SAGRADO VERSUS PROFANO.....	41
1.3 A ROMARIA DO SEGUNDO DOMINGO DE OUTUBRO	47
2. A ROMARIA NA REDE	57
2.1 AS CLASSIFICAÇÕES DAS RELIGIÕES NAS REDES	59
2.1.1 NOVAS TIPOLOGIAS	61
2.2 O SITE OFICIAL DO CÍRIO.....	62
2.3 O FACEBOOK OFICIAL DO CÍRIO.....	67
2.4 OS APLICATIVOS DO CÍRIO.....	72
3. A VIRTUALIZAÇÃO	77
3.1 A IGREJA VIRTUALIZADA E A VIRTUALIZAÇÃO DOS RITUAIS	78
3.2 O RITUAL CONVERTE-SE EM ESPERÁCULO.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS.....	95

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está inscrita no campo que analisa as imbricações entre mídia e religião. Os estudos referentes à relação comunicação e religião ganham cada vez mais espaço na Ciência da Comunicação, dada a expressividade dos fenômenos contemporâneos que enfatizam a significação dessa interface. Um dos ganhos do desenvolvimento desses estudos é perceber a transversalidade, ou seja, comunicação e religião é uma inter-relação que resulta de dinâmicas humanas, portanto, sociais, o que torna os fenômenos que lhe são decorrentes objetos das Ciências Humanas.

O alastramento da cultura digital e sua difusão potencializaram vários dispositivos instantâneos portáteis nos quais os formatos e as linguagens não param de convergir numa velocidade surpreendente. Se todas as esferas da vida social foram abarcadas pelo tecnológico, a experiência religiosa não passou incólume. Atualmente, várias pessoas ligadas ou não a instituições religiosas lançam mão dos meios de comunicação eletrônicos interativos como mediação para experiências religiosas. Práticas e rituais religiosos tradicionais têm migrado para o ambiente do ciberespaço.

A pesquisa tem por objeto o Círio de Nazaré, uma festa religiosa tradicional que ocorre anualmente no município de Belém, capital paraense. Observa-se a migração para redes sociais das práticas rituais que envolvem esta celebração religiosa nos últimos anos, nos quais a população paraense e os paraenses que vivem em outros estados e países, passaram a utilizar as redes sociais como ambiente de devoção e participação de todos os pequenos rituais que acontecem no mês de outubro. A romaria virtual de Nazaré foi anunciada em 2013 e oferece opções para discussão acerca da midiatização do campo religioso e a incorporação dos rituais religiosos no ciberespaço.

A delimitação do tema tem como ponto primordial a virtualização do Círio de Nazaré e se enquadra nos estudos de mídia e religião. O Círio é a maior festa religiosa brasileira e atrai mais de dois milhões de pessoas às ruas

estreitas da capital paraense há mais de duzentos anos. Composto por vários eventos e romarias, o recorte temático deste estudo se concentra na sexta romaria que é a Romaria do Círio de Nazaré, que acontece no segundo domingo de outubro e desde 2013 acontece simultaneamente com a romaria virtual de Nazaré, lançada na página do *Facebook* do Círio.

Ao tomar contato com a romaria virtual anunciada oficialmente no perfil do *Facebook* administrado pela Basílica Santuário, chamou a atenção dessa pesquisadora por sua excentricidade aos olhos acadêmicos: fazer a caminhada consiste em cumprir um ritual religioso muito importante perante aquela comunidade e fazer o percurso virtualmente gerou uma série de questões sobre a validade do ritual e dos vínculos comunicacionais perdidos pela teleparticipação do indivíduo, uma vez que estes aspectos são esvaziados de sentido quando se opta pela opção virtual.

Os objetos de estudo desta pesquisa são os aplicativos de acompanhamento da romaria virtual lançados pela Basílica Santuário e pela PRODEPA (Empresa de Processamento de Dados do Estado do Pará) e as evidências de participação dos fiéis nas romarias de 2013 e 2014, em imagens coletadas durante a procissão.

A primeira motivação pelo tema veio da proximidade cultural, pois esta autora é natural de Belém do Pará e o Círio de Nazaré tem grande influência na sociedade paraense, especialmente pelo fato de ver a romaria tradicional ganhar uma modalidade virtual. A segunda motivação foi que, ao ingressar no mestrado e no Grupo de Pesquisa: Mídia e Estudos do Imaginário, que pelo seu caráter interdisciplinar ajuda a compreender as imbricações que existem entre a mídia, mito e cultura e a partir dos estudos perpetrados tornou evidente que a virtualização interferiu na forma como os fiéis enxergam e participam da romaria tradicional. A terceira motivação foi a contribuição para os estudos de mídia e religião realizados no Brasil, que segundo o Portal da Capes, em seu banco de teses em 13 de janeiro de 2015 contava com 267 pesquisas registradas até 2014, uma vez que estes estudos são cada vez mais crescentes e significativos no campo da comunicação. Por último, a possibilidade de abordar um assunto abrangente e instigante no campo de

pesquisa da Comunicação e que movimentou milhares de pessoas a participar da romaria virtual em 2013 e 2014.

A pesquisa busca apresentar a nova modalidade de romaria: a romaria virtual de Nazaré, largamente divulgada nas mídias sociais, cujos adeptos mostraram seu volume de participação por meio das imagens de compartilhamento e tem como objetivo central observar e compreender de quais formas os dispositivos digitais proporcionam uma interação virtual entre os fiéis durante a romaria virtual.

Os objetivos específicos compreendem em analisar as imagens de compartilhamento publicadas ao longo do percurso, as relações e sensações de pertencimento e participação efetiva da festa mesmo tendo como barreira a distância geográfica ou a comodidade ao alcance dos dedos e, por fim, a notoriedade alcançada pela nova modalidade de romaria que é estimulada pela própria organização da festa.

Os pressupostos ao longo desse estudo concentram-se basicamente em analisar como o valor do ritual religioso é perdido na romaria virtual, o que leva ao esvaziamento de sentido dos vínculos comunicacionais e como o sentido de pertencimento e participação da festa são descaracterizados pela teleparticipação dos indivíduos na romaria virtual e não presencial.

A importância deste estudo reside no fenômeno midiático-cultural que impulsiona os fiéis a compartilharem suas imagens e experiências nas redes sociais ou mecanismos digitais e como estes mecanismos proporcionam a sensação de integração e interação durante a procissão do Círio de Nazaré. Pesquisar este fenômeno no campo da Comunicação é relevante porque a mudança de comportamento observada na participação virtual muda a maneira como se enxergam os meios de comunicação digitais e virtuais dentro das ambiências da fé, ou seja, é importante saber porque as pessoas sentem a necessidade de mostrar sua fé em dispositivos de comunicação conectados à Internet e redes sociais e como esses dispositivos mudam de forma significativa seus comportamentos no ciberespaço.

A metodologia se desdobrou em duas vertentes: a primeira de caráter bibliográfico e exploratório e a segunda de natureza exploratória virtual na medida em que as informações obtidas foram coletadas a partir da navegação e observação dos perfis sociais da Basílica de Nazaré disponíveis na Internet, como por exemplo, a página oficial do Círio e a sua página no *Facebook*. A primeira vertente buscou construir um embasamento teórico por meio de leituras dos autores que abordam o assunto, fazendo alguns comparativos e reflexões sobre as hipóteses do tema, enquanto que a segunda vertente concentrou-se na captação e análise de imagens coletadas dos compartilhamentos dos fiéis durante as procissões dos Círios de 2013 e 2014 e alguns comparativos de momentos de interação presencial às vésperas do segundo domingo de outubro.

A estrutura do trabalho está dividida em três partes distintas. O primeiro capítulo faz um relato histórico do Círio de Nazaré que vai desde o início dos anos 1700 com a lenda que envolve a descoberta da imagem da Virgem de Nazaré pelo caboclo Plácido às margens do igarapé Murucutu, a teimosia da santa em sempre voltar ao seu nicho original mesmo sendo vigiada por guardas, até a inevitável divulgação da notícia que a santinha faz milagres e a oficialização da devoção em caráter institucional perante a sociedade paraense. Alguns momentos singulares que marcaram a tradição do Círio, a mediatização da romaria, como ela foi se reconfigurando ao longo do último século até ganhar características sagradas e profanas.

O segundo capítulo faz uma leitura das ferramentas digitais tecnológicas que a Basílica de Nazaré utiliza no ciberespaço: site do Círio, perfil no *Facebook* e os aplicativos: Aplicativo do Círio e o Kd a Berlinda?, além da classificação dos tipos de interação feitas em cada modalidade de dispositivo, sendo que cada ferramenta permite um tipo de interação distinta entre os indivíduos e as ferramentas e da classificação da religião no ambiente virtual.

O terceiro e último capítulo aborda a virtualização do campo religioso e seus desdobramentos, ou seja, a forma como a igreja virtualizada é percebida por seus fiéis, a virtualização dos rituais religiosos tradicionais e o esvaziamento de sentidos que ele sofre ao ser virtualizado até chegar ao ponto

no qual o ritual religioso é espetacularizado, tornando-se apenas mais um espetáculo nas mídias, neste caso, um espetáculo virtual.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir aos estudos de mídia e religião no que diz respeito aos rituais midiaticizados, bem como as mudanças que sofrem nessa migração de tempo e espaço.

1. O CÍRIO DE NAZARÉ

Neste primeiro capítulo, busca-se contar a história do Círio de Nazaré e do seu impacto no cotidiano do povo paraense e mostrar em imagens a riqueza dos detalhes que são tão únicos e múltiplos ao mesmo tempo: único quando se trata das experiências pessoais que podem ser vividas e observadas ao longo do caminho percorrido pela procissão e múltiplo quando se observa a diversidade de simbologias presentes durante o dia de procissão pelas ruas de Belém.

O Círio em Belém é mais do que uma festa religiosa, é possível observar o fenômeno por diferentes pontos de vista: religioso, antropológico, estético, turístico, cultural, sociológico e comunicacional. No presente estudo o fenômeno será observado pelo viés da Comunicação e os vínculos comunicacionais pelo viés do ritual midiaticizado e virtualizado.

Na festa, cujo caráter ritual fundamenta sua significação, instala-se uma nova ordem, diferente da cotidiana, e observa-se uma série de comportamentos que não são próprios do dia-a-dia. Dessa forma, o Círio de Nazaré é estudado hoje em dia como um ritual. É o que se deduz das análises antropológicas sobre o tema como Os Ritos de Passagem, de Arnold Van Gennep, e o Processo Ritual, de Victor Turner. Estes estudos inspiraram o livro de Isidoro Alves, O Carnaval do Devoto, resultado de uma pesquisa realizada em 1976 (FIGUEIREDO, 2005, p. 21).

A partir das explicitações sobre a mudança de comportamento do paraense e também dos rituais realizados antes da festa, é possível perceber o vínculo¹ que existe na relação entre o paraense e a festa, uma vez que os vínculos são a base primária para a comunicação, pode-se inferir que:

Ao considerarmos os processos de vinculação, lançamos um novo sentido às relações comunicativas, evitando uma concepção de que trocas comunicativas se assemelham a meras relações comerciais e instrumentais, e chamando a atenção para a importância dos processos de significação constituídos nessas relações.

Nesse sentido também podemos considerar a contribuição do estudo dos vínculos comunicativos para um alargamento da compreensão sobre os meios de comunicação, entendendo-os como

¹ (loc.nom.m.) Etim.: *vínculo*, do lat. *Vinculu*, tudo que serve para atar, ligar ou apertar, laço, nó, liame. Fonte: Dicionário da Comunicação, p.458.

espaços (físicos ou simbólicos) nos quais essa rede de vinculação deve operar numa escala socialmente maior do que a da comunicação interpessoal, e refletindo sobre se esses meios têm ou não, de fato, desempenhado esse papel, ou se se tornaram meros espaços funcionais por onde transmitem informações assépticas e vazias de sentido*, apenas quantitativa e mercadologicamente consideradas (CONTRERA, 2014, p. 459).

Os vínculos comunicacionais presentes no Círio enveredam pelo caráter instrumental, como é o caso das campanhas de comunicação no período que antecede a festa, bem como o significado desse vínculo nas relações interpessoais potencializadas no mesmo período. Além disso, o Círio é um ritual que se repete anualmente e mexe com o cotidiano do paraense: marca a passagem de mais um ano da mesma forma que o *Réveillon* marca a passagem de um ano para o outro. Contar a lenda que permeia este acontecimento tão especial para o povo paraense proporciona mergulhar no imaginário local que é cheio de detalhes singulares e ilustrado com imagens que transportam o leitor ao ambiente da festa, fazendo com que se sinta quase uma testemunha ocular do Círio de Nazaré.

Figura 1 – Procissão do Círio de Nazaré



Fonte: Facebook (2015).

1.1 A LENDA

O Círio é uma tradição inventada, criada com uma finalidade comercial e que a partir do sincretismo cultural e religioso, ganhou seus formatos atuais. Surgiu junto a uma antiga feira de produtos regionais e que ao longo do tempo foi sendo substituída pelo Arraial de Nazaré, que nada mais é do que um parque de diversões com brinquedos gigantes, joguinhos de azar e barracas de comidas típicas. Deste sincretismo constituiu-se essa tradição inventada.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras ou abertamente aceitas, de natureza ritual ou simbólica, que visam inculcar certos valores e normas de comportamento por meio de repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se manter a continuidade com um passado histórico apropriado (FIGUEIREDO, 2005, p. 31).

O Círio constitui uma parte do imaginário paraense e consegue transportar partes do cotidiano e os momentos de festa para um nível de reafirmação do grupo social. Figueiredo (2005, p. 32) afirma que: “em tempos de fragmentação de identidades, o Círio de Nazaré é um acontecimento importantíssimo para a sociedade paraense”.

Todos os anos, os preparativos para a festa do Círio de Nazaré começam no início de setembro e nada é mais esperado em Belém do Pará. Logo se percebem as mudanças nas pessoas, no clima e na decoração das casas e da cidade, onde é possível ver os *outdoors* em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré, que parecem florescer em todos os cantos da cidade, ouvir os *jingles* no rádio, os pontos de venda que expõem os ingredientes das comidas típicas nos mercados, além da apresentação do cartaz oficial e do manto que cobre a imagem da santa.

Sempre que um novo cartaz é produzido pela agência de publicidade e propaganda oficial do Círio – a Mendes Comunicação², os veículos de comunicação da Basílica começam a espalhar a notícia pela Rádio e TV Nazaré. Quando o manto que cobrirá a imagem peregrina está prestes a ser apresentado um novo evento é marcado e largamente divulgado. Os dois eventos iniciam os preparativos para o início das festas que compõem o Círio.

Anualmente um cartaz é apresentado e distribuído gratuitamente à comunidade paraense e é muito comum que as famílias conservem estes cartazes pelo ano inteiro fixado em suas portas ou paredes até que seja substituído pelo próximo cartaz. O cartaz passa a ser uma parte integrante da decoração da casa, um símbolo que identifica e demonstra a fé que a família deposita na santa. Assim que as portas ou paredes das casas ganham um novo cartaz começam os preparativos para as novenas. Ainda sobre a importância do cartaz do Círio, é possível perceber que esta peça em especial é muito aguardada todos os anos, pois ela é a imagem que demonstra publicamente a fé do paraense na rainha da Amazônia.

² Fonte: <http://www.mendescomunicacao.blogspot.com.br/2014/05/cartaz-do-cirio-e-lancado-em-praca.html>. Acessado em: 12 jul. 2014.

O terceiro sentido ocorre quando tomamos o verbo “comer” em seu sentido mais amplo, metafórico, como apropriar-se, como metabolizar, usando apenas os olhos como órgãos de devoração. A expressão “comer com os olhos” é perfeita. Nosso tempo nos tornou especialistas em devorar o mundo por meio dos olhos (dos nossos próprios olhos e dos olhos das máquinas que criamos para maximizar a atividade devoradora dos nossos olhos). Isso significa que a boca ganhou um poderoso concorrente, o olho. Será que a excessiva devoração de imagens não produz uma correlata voracidade alimentícia? Afinal, o que se refere como pretensão alimento não é feito majoritariamente de imagem publicitária? Será que a voracidade visual não tem algum tipo de relação com a compulsão alimentar de nosso tempo (e a consequente epidemia de obesidade)? (BAITELLO JR., 2012, ps.120 e 121).

O cartaz traz consigo uma carga muito grande de significados aos fiéis, porém trata-se de uma peça publicitária. O cartaz de 2014 foi lançado em maio, ou seja, cinco meses antes da festa e com uma tiragem de aproximadamente 900 mil exemplares³. O povo paraense se alimenta e alimenta os outros ao expô-lo em suas portas, paredes e janelas, fazendo desta imagem o alimento de sua fé à sua padroeira.

³ A igreja católica do Pará apresenta nesta quarta-feira (28 de maio), em Belém, o cartaz do Círio 2014. A peça será divulgada pelo arcebispo metropolitano de Belém, Dom Alberto Taveira, após a missa das 18h. O cartaz, que é um dos ícones que simbolizam a devoção mariana em Belém, teve neste ano a sua maior tiragem: serão cerca 900 mil exemplares, entre os que serão confeccionados pela Diretoria da Festa e pelas empresas que patrocinam o Círio de Nazaré. Cartaz do Círio 2013 foi apresentado ao público na Praça, segundo o Departamento Intersindical de Estudos Socioeconômicos (DIEESE), o número de cartazes impressos pela Diretoria da Festa cresceu 157% entre 2000 e 2014. No ano passado, a tiragem foi de 890 mil cartazes, sendo 630 mil feitos pela diretoria, e o restante por empresas que apoiam o evento. Após a apresentação do cartaz, o impresso será distribuído para os fiéis na Praça Santuário. A tradição do Cartaz do Círio começou em 1882, há 132 anos.

Figura 2 – Cartaz do Círio 2014



Fonte: arquivo pessoal (2014)

Quando se trata da novena em homenagem à santa, o procedimento é sempre igual, um dia em cada casa, mas todos os dias um encontro diferente do outro. Todos os dias vivencia-se uma experiência nova, quando uma pequena réplica da santa visita a casa de uma família. As novenas em homenagem ao Círio são tradicionais, a paróquia central de cada bairro oferece algumas pequenas réplicas da imagem para que se façam novenas durante quinze dias antes do segundo domingo de outubro. Assim, por quinze dias a imagem visita as casa das famílias em meio a orações e festa e a imagem “dorme” na casa daquela família. No dia seguinte segue para outra casa até que o ciclo de quinze dias se complete. No final dos quinze dias a imagem é sorteada entre as famílias que participaram do ciclo de novenas.

Figura 3 – Novena em homenagem ao Círio



Fonte: arquivo pessoal (2014)

Figura 4 – Pequeno altar familiar



Fonte: arquivo pessoal (20014)

Figura 5 – Manto que cobriu a santa no Círio 2014



Fonte: divulgação da Basílica Santuário (2014)

Quando o mês de outubro começa, os indícios de que o Círio está mais próximo vão ficando mais evidentes. Este mês tem uma relação de marcação temporal muito significativa para o paraense, como pode ser observado no trecho a seguir:

Nessa afirmação de identidade, em primeiro lugar, há um tempo que é do paraense. O Círio ocorre no mês de outubro, e muita gente define como o Natal dos paraenses. É como se a festa fechasse um ciclo temporal. O nosso ano simbólico vai de outubro a outubro. Então, terminada a festa, começa um outro ano, embora o ano civil só termine no mês de dezembro. No Pará a temporalidade é marcada exatamente pela festa. Em segundo lugar, é um momento em que os paraenses mostram a sua comida regional (ALVES, 2005, p. 68).

Um clima diferente toma conta da cidade de Belém no dia do Círio: as famílias limpam toda a casa para receber as visitas; trocam a toalha de mesa; a louça e os talheres do cotidiano são substituídos por conjuntos novos; os altares particulares ganham flores novas e limpeza caprichada; alguns ganham até balões amarelos e brancos para completar a decoração. E quando finalmente o dia do Círio chega, a mesa é arrumada para o almoço¹ e entre as famílias paraenses devotas à Nossa Senhora de Nazaré, as visitas servem-se direto das panelas para os seus pratos sem nenhum tipo de cerimônia. Nesse dia todos são de casa e todos são bem-vindos.

¹ Fonte: <http://luizpaulopina.blogs.sapo.pt/173075.html>. Acessado em 16/04/15.

Figura 6 – Família acompanhando o Círio 2014



Fonte: arquivo pessoal (2014)

A comida é farta, o almoço trivial composto pelo arroz e feijão é substituído por pratos da culinária típica e tradicional do Pará. O almoço do Círio é composto pela maniçoba, uma espécie de feijoada que no lugar do feijão preto recebe a folha da maniva para dar a cor e o cheiro característicos do prato, além do pato no tucupi servido com jambu e arroz branco e do vatapá paraense, que não leva amendoim em sua receita como o vatapá baiano.

Figura 7 – Almoço do Círio



Fonte: Blog Dicas de Brocas (2012)

A época do Círio é percebida em todos os lugares da cidade, mas principalmente na mídia, onde a chegada da festa é amplamente divulgada pela televisão, rádio e mais recentemente na Internet.

As reflexões sobre a mídia terciária têm ocupado grande parte dos estudos da comunicação humana. Sobretudo as manifestações mais recentes e os desenvolvimentos da tecnologia da comunicação têm merecido atenção dos investigadores, seja por seu caráter de novidade, seja por sua natureza lúdica vertiginosa (cf. “jogos de vertigem” em Caiollis, 1990). Importante, porém, enfatizar que a complexificação do processo de mediação exige disponibilidade tecnológica tanto para o emissor quanto para o receptor. Existe uma crescente transferência de “atribuições e responsabilidades tecnológicas” para a esfera da recepção, trazendo, em contrapartida, inúmeros ganhos e suas respectivas perdas. Dentre os ganhos fundamentais encontram-se a redução crescente (alcançado em casos especiais a anulação mesma) do espaço. A grande dificuldade do transporte físico da mensagem presente na mídia secundária reduz-se ou anula-se na terciária, graças aos sistemas de eletrificação, às diferentes redes de cabeamento e à transmissão por ondas. Na verdade, a grande mídia terciária do nosso tempo é a eletricidade, o mediador de todas as outras possibilidades de geração, transmissão e conservação de mensagens. Graças aos sistemas e redes elétricos puderam ser desenvolvidos todos os sistemas contemporâneos de comunicação terciária. Estes sistemas se caracterizam pela relativização do espaço (até a sua anulação),

tornando irrelevante a dimensão do transporte físico de suportes ou portadores de mensagens. (BAITELLO JR., 2005, ps. 83 e 84).

O Círio é divulgado pelas mídias terciárias e ajuda a anular o espaço físico de Belém, isto é, o Círio existe em qualquer lugar independentemente de estar na capital paraense, na região metropolitana ou no Sudeste do Brasil. A respeito dessa anulação temporal, o aparecimento da romaria virtual poderá ser compreendido nos capítulos seguintes.

Existe um sentimento de confraternização ao receber os amigos e a família. A capacidade de reunião é aumentada quando chega o Círio e as pessoas costumam se visitar e as famílias se reúnem sempre nessa época, como se fosse o Natal. Alves (2005) esclarece que o paraense festeja o Círio porque é uma festa sua e tipicamente popular e polissêmica.

Em todos esses gestos, pode-se perceber o Círio por meio da devoção pela santa, os pequenos rituais que circundam a festa até o aguardado segundo domingo de outubro, a arrumação da casa, o preparo da maniçoba, a distribuição das camisetas com a imagem da santa, a colagem dos cartazes nas paredes, a novena e as orações individuais que costumam ser feitas.

Figura 8 – Detalhe do pequeno altar familiar



Fonte: arquivo pessoal (2014)

Nem sempre foi assim. Há mais de duzentos anos um caboclo da região encontrou uma pequena imagem de madeira que deu início à devoção mais tradicional do Pará. A história que é contada sobre o início da tradição do Círio de Nazaré envolve narrativas populares misturadas com eventos históricos da época e vem sendo repetida incansavelmente pelos paraenses àqueles que desejam entender os motivos que movem os fiéis a participarem, todos os anos, das romarias que compõem a festa. Entretanto, convém explicitar que a lenda também se sustenta com documentos históricos (jornais da época, cartas e decretos) e também que as tradições e devoções à Nossa Senhora de Nazaré, no Brasil, são mais antigas do que se imaginam, pois tem-se relatos de que começou no município de Vigia no interior do Pará e, a partir de lá, chegou até a capital paraense.

A lenda⁴ mais comum que se ouve dos paraenses é a de que, por volta de 1700, um *caboclo*⁵ que trabalhava como agricultor e caçador, chamado Plácido José dos Santos, caminhava pela estrada do Utinga, às margens do igarapé² Murucutu onde se localiza a Basílica de Nazaré, quando sentiu sede e decidiu beber água do rio. Para a sua surpresa, descobriu entre as pedras que cercavam as margens uma singela imagem⁶ coberta pela vegetação local, como se estivesse em um nicho natural, com cerca de 38,5 cm de altura - conhecida como imagem original. O que Plácido não esperava é que, ao levar a pequena imagem para casa, ela desse sinais muito evidentes de que a margem do igarapé era o seu lugar definitivo. Após várias tentativas com a intenção de mudar a imagem de lugar, ela misteriosamente encontrava um jeito de voltar ao seu lugar original:

O fenômeno repetiu-se várias vezes, até que o governador da época (a lenda não esclarece seu nome) mandou que a imagem fosse levada para a Capela do Palácio do Governo, onde ficou guardada pelos soldados, que passaram a noite em vigília, para impedir que alguém ali penetrasse ou de lá saísse. Mas, no dia seguinte, a santa foi de novo encontrada às margens do igarapé, no mesmo lugar para

⁴ Fonte: <http://www.cdpara.pa.gov.br/cirio.php>. Acessado em: 10 set. 2014.

⁵ s.m. Indígena brasileiro, de pele acobreada. Mulato de cor acobreada, descendente de índio. Mestiço de branco com índio. Sertanejo, homem do sertão de pele queimada de sol. Caipira, roceiro. Sujeito desconfiado ou traiçoeiro. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Caboclo.html>>. Acessado em: 10 set. 2014.

² Um igarapé é um curso d'água amazônico de primeira ou em terceira ordem que significa "caminho de canos", constituído por um braço longo de rio ou canal. Existe em pequeno número na Bacia amazônica, caracterizados por pouca profundidade e por correrem quase no interior da mata. A maioria dos igarapés tem águas escuras semelhantes às do Rio Negro, um dos principais afluentes do Rio Amazonas, transportando poucos sedimentos. São navegáveis por pequenas embarcações e canoas e desempenham um importante papel como vias de transporte e comunicação. Fonte: <http://www.ipam.org.br/saiba-mais/glossariotermino/Igarape/94>. Acessado em 16/04/15.

⁶ (s.f) ► Etim.: do lat. Imago, representação visual de um objeto; em grego antigo corresponde ao termo eidos, raiz etimológica de idea ou eidea, cujo conceito foi desenvolvido por Platão. Fonte: Dicionário da comunicação, 2014, p. 239.

onde sempre retornava, com gotas de orvalho e carrapichos presos a seu manto, numa “prova” da longa caminhada através da estrada: a santa “viva” novamente se locomovera por seus próprios meios (DOSSIÊ, IPHAN. 2004, p.12).

Para Plácido não restavam dúvidas de que a santa não desejava mais ser removida de seu nicho natural e o caboclo decidiu erguer uma pequena ermida⁷ para abrigá-la. O que ele não imaginava é que as notícias sobre o “milagre” iriam se espalhar rapidamente, atraindo vizinhos e outros moradores da região, curiosos para saber mais sobre aquela pequena imagem que teimava em permanecer no mesmo lugar.

Os interessados viraram devotos e, ao longo dos anos, esses devotos multiplicaram-se bem como as primeiras manifestações: promessas, milagres atendidos e agradecimentos pelas graças alcançadas. Com isso, vieram os ex-votos – objetos de cera representando membros do corpo humano, muletas ou retratos, forma utilizada pelos fiéis para demonstrar o reconhecimento por graças alcançadas – aos pés do altar, em devoção a representação da imagem da Virgem de Nazaré.

Imagem pode ser definida de diversas formas e adquirir vários significados diferentes dependendo do contexto no qual esteja inserida. Ela pode ser desde a representação da forma ou do aspecto de ser do objeto por meios artísticos até uma forma mais abrangente como uma reprodução visual de algo sobre uma superfície, seja de forma estática ou dinâmica em diferentes meios. É construída através de técnicas artísticas, por meio de gravação e reprodução a partir da incidência de luz em uma superfície sensível ou de forma mental. Imagens são meios de expressão cultural, utilizadas pelo homem ao longo de sua história para representar a impressão ou percepção que se tem uma determinada coisa ou ser. Assim sendo, eles acabam servindo como uma forma de analogia ou para ressaltar aspectos particulares pelos quais um ser ou objetos são reconhecidos. Representações imagéticas são percebidas de forma visual e permitem elaborações de linguagens visuais, utilizadas na comunicação e expressões artísticas e culturais (SILVA, 2014, p. 239).

⁷ s.f. Pequena igreja; capela, quase sempre edificada em lugar ermo. Templo rústico. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/ermida/>. Acessado em: 31 out. 2014.

Com o aumento do número de fiéis em devoção à imagem e a introdução dos ex-votos, iniciaram-se também as peregrinações e nelas sobressaíam-se os círios (velas de cera) que, exatamente como em Portugal, depois de um tempo, passaram a dar nome à procissão feita em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré.

Figura 9 – Ilustração do caboclo Plácido



Fonte: RCCCAPANEMAPA (2010)

Uma Parada na Vida IPHAN (2004), título do primeiro capítulo do Dossiê que instituiu o Círio de Nazaré como patrimônio Cultural e Imaterial da Humanidade, retrata o que o Círio é na vida do paraense. De fato é mesmo, pois envolve, direta e indiretamente, todos os paraenses ao ponto de transcender até outros estados, como é o caso dos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde existe uma romaria semelhante em intenção de fé, mas em dimensões menores no que diz respeito à participação das pessoas. Durante o Círio, Belém é tomada por romeiros e configura-se, segundo dados⁸

⁸ <http://www.ciriodenazare.com.br/noticias/?p=117>. Acessado em: 31 out. 2014.

estatísticos levantados pelo Departamento de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2014) como um dos fenômenos religiosos mais importantes do Brasil.

A devoção que o paraense tem pela santa é evidente por meio dos altares domésticos, na feira do Ver-o-Peso, nos detalhes das bancas que vendem o peixe, nos supermercados, nos bancos, nas instituições do governo e, principalmente, nos meios de comunicação, que todos os anos exploram o assunto de maneira muito forte.

No Pará, Nossa Senhora de Nazaré é chamada carinhosamente, por seus devotos, de “Tia Naza”, “Nazica” e “Nazinha”, o que evidencia e reforça a relação direta estabelecida entre o devoto e a santa, fenômeno que não é tão recorrente em outras devoções populares no Brasil. Ainda pelas palavras de Figueiredo:

Além das teorias sobre os ritos, os conceitos de estrutura e *communitas* de Victor Turner são importantes para interpretar o Círio hoje, e talvez sempre. O Círio é hoje o acontecimento fundador da sociedade paraense, se isso é possível, marcando sua identidade, conjugando culturas e éticas. É uma explosão de sentidos e paixões (FIGUEIREDO, 2005, p. 21).

Sobre o *Communitas*:

Assistimos, a tais ritos, a um “momento situado dentro e fora do tempo”, dentro e fora da estrutura social profana que revela, embora efemeramente, certo reconhecimento (no símbolo, quando não mesmo na linguagem) de um vínculo social generalizado que deixou de existir, e contudo simultaneamente tem de ser fragmentado em uma multiplicidade de laços estruturais. São laços organizados em termos ou de casta, classe ou ordens hierárquicas, ou posições segmentares, nas sociedades onde não existe o Estado, tão estimada pelos antropólogos políticos (TURNER, 2013, ps. 98 e 99).

A partir dos conceitos destacados, pode-se perceber a sensação de dois modelos de correlacionamento humano, um deles o de comunidade estruturada, que segundo Turner (2013, p.99) é um sistema “diferenciado e frequentemente hierárquico” em disposições políticas, jurídicas e econômicas, no qual se separa os indivíduos com as quantificações de ‘mais’ e de ‘menos’. O outro considera a sociedade como um “*comitatus* não estruturado”, ou seja, a

comunhão entre “indivíduos iguais que se submetem em conjunto à autoridade geral dos anciãos rituais”.

O *communita* ou comunidade visualizada por meio do Círio de Nazaré permite entender a evidente sensação de comunidade que paira sobre os indivíduos que não se conhecem efetivamente, mas que comungam da mesma fé. Existe um laço essencial que une as pessoas umas às outras e sem estes laços a comunidade não existiria. Durante aquele momento, todos são iguais e não existe a noção separatista de “mais e menos”, ou seja, mais pobres ou mais ricos, mais jovens ou mais idosos, a participação individual forma um senso coletivo de fé, muito embora a participação coletiva tenha significados individuais.

Figura 10 – Promesseiros segurando a corda do Círio



Fonte: divulgação da diretoria da festa.

1.1.1 A OFICIALIZAÇÃO DA DEVOÇÃO

Ao estudar a etimologia da palavra círio, que é originária do latim *cereus*, que significa, em tradução livre, o equivalente a grande vela de cera:

Em Portugal, os círios representavam um ajuntamento de pessoas que se organizavam para, em romaria, ir ao Santuário de Nossa Senhora de Nazaré. Posteriormente, as velas de cera ou círios levados pelos romeiros nessas peregrinações passaram a denominar a própria romaria. De origem portuguesa, a devoção a Nossa Senhora de Nazaré tem uma longa história. Diz-se em Portugal que a imagem que deu origem a esse culto foi esculpida por São José, tendo a própria Virgem por modelo, e teria sido pintada por São Lucas. Depois de muitas idas e vindas, nos primeiros anos do cristianismo, esta imagem chegou às mãos de São Jerônimo e de Santo Agostinho, tendo ido parar na Península Ibérica e depois nas mãos do monge Romano e do Rei Rodrigo, dos visigodos, derrotados pelos mouros na batalha de Guadalete (IPHAN, 2004, p.14).

Não se sabe ao certo de onde veio a imagem que está em Belém do Pará, no Brasil. O que se sabe é que a “primeira parada da vida do paraense” aconteceu em 1793. Observa-se o interesse político do então governador em exercício da Província do Pará, Francisco Sousa Coutinho, que na época queria fomentar o comércio de produtos agrícolas no local e decretou que a grande feira para vender os produtos deveria acontecer impreterivelmente no fim do segundo semestre daquele ano, exatamente na mesma época em que os devotos da virgem costumavam homenageá-la.

A oficialização da devoção à virgem e a feira agrícola, organizada por Coutinho, aconteceram no mesmo ano, fato este que reforça os indícios da popularização da devoção à imagem e principalmente ao fato de que o Estado também tinha interesses no controle da devoção e de suas implicações comerciais.

Em junho de 1793, pouco antes da feira, o presidente da província adoeceu e fez uma promessa: se recuperasse a sua saúde e pudesse inaugurar a grande feira, levaria a imagem até o Palácio do Governo e, de lá, esta seria conduzida, em procissão, de volta a igreja. Sousa Coutinho recuperou e, no dia oito de setembro de 1793, cumpriu a promessa feita. O primeiro Círio foi acompanhado por quase dois mil soldados, além da população civil de Belém e do interior da Província (IPHAN, 2004, p. 15).

A alta sociedade da província participou da primeira romaria oficial: a cavalaria, o governador, os fidalgos e as damas locais desfilavam e outras ficavam sentadas em suas almofadas observando tudo de seus palanques. Tudo aconteceu como em Portugal: a imagem seguiu no colo do vigário, em um carro puxado por dois bois e, assim que a imagem chegou à pequena capela, foi celebrada uma missa e Souza Coutinho inaugurou a sua feira agrícola e lançou a pedra fundamental para a construção da igreja.

Algo que muitas vezes passa despercebido aos fiéis é que a primeira romaria reviveu a lenda: “a imagem da santa, levada na véspera para a capela do Palácio do Governo, refazia seu caminho mítico, no dia seguinte, até o local do primitivo achado” (IPHAN, 2004, p.15). O acontecimento é conhecido como procissão de trasladação e procissão do Círio, exatamente da mesma maneira como Sousa Coutinho havia determinado em 1793. Na véspera, sai o cortejo da trasladação em direção à Igreja da Sé e de lá, a imagem peregrina - réplica da imagem original encontrada por Plácido e recebeu este nome porque é ela quem sai à rua em todas as procissões, e na manhã seguinte, após a missa celebrada pelo arcebispo, a procissão do Círio corta as ruas de Belém, seguida pelos devotos pagando suas promessas até chegar à Basílica Santuário de Nazaré. Novamente uma missa é celebrada para dar continuidade às festividades do Círio: o que antes era um local para a feira agrícola é onde está o Arraial de Nazaré.

A existência de duas imagens da santa passa despercebida pelas pessoas que chegam de fora e até mesmo pelo próprio paraense. A partir de 1969, a imagem original que era levada durante todas as procissões foi substituída, por motivo de segurança, por uma réplica alterada daquela que foi encontrada pelo caboclo Plácido, segundo registros históricos da época relatados por Bonna (1992). A réplica sai em todas as cerimônias e romarias

oficiais das festividades nazarenas e fica no nicho especial localizado no Colégio Gentil Bitencourt. Sabe-se por meio de relatos em jornais da época que esta imagem peregrina foi encomendada em 1969 pelo Vigário Miguel Giambelli, ao escultor italiano chamado Giacomo Mussner e ele conseguiu personificar os traços das pessoas da Amazônia na imagem da Virgem de Nazaré e na do menino Jesus, representando as características indígenas e caboclas do povo local. Em 2002, a réplica passou pelo primeiro processo de restauração feito pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Pe. Miguel chamou o fotógrafo Pedro Pinto, que trabalhou em fotos coloridas, a imagem “autêntica”, sem manto e com réguas em todas as posições, e, remeteu o material para a Itália. Assim puderam fazer as duas cópias (a outra está em Bragança, sai no Círio de lá). O rosto do menino Deus desgastado, um lourinho europeu, nos trouxe uma imagem nova, um rostinho de garoto amazônida com forte cabeleira escura, olhos empapuçados, nariz redondinho. E nossa Senhora, pele morena, e feições um pouco mais bonitas que o da imagem de Plácido, assim como parecendo mais jovem, mais perto da idade que Nossa Senhora tinha quando Jesus estava com dois anos, a Senhora-Jovem de Nazaré (BONNA, 1992, p. 109).

Figura 11 – Detalhe das feições da imagem autêntica



Fonte: Blog Testemunho da Fé (2013)

O povo paraense gosta de se referir às duas imagens como Autêntica e Peregrina. A Autêntica fica no seu nicho isolado ao alto, dentro da Basílica Santuário, que é chamado de Glória, enquanto que a Peregrina fica em seu nicho localizado no Colégio, atrás da Basílica. Em 1971, foi aprovada a Lei Estadual n.º 4.371, em 15 de dezembro, que proclamou a Virgem de Nazaré como a Padroeira do Pará e Rainha da Amazônia.

Figura 12 – Detalhe das feições da imagem peregrina



Fonte: Testemunho da Fé (2013)

A grande mãe⁹ dos paraenses possui duas representações em imagens e as duas convivem harmoniosamente. A fé em uma não é maior do que a fé na outra.

Figura 13 - Glória - nicho onde a imagem autêntica fica ao longo do ano



Fonte: Blog Testemunho da Fé (2013)

⁹ A teoria dos arquétipos de Jung levou-o a postular a hipótese de que as influências que uma mãe exerce sobre seus filhos não derivam necessariamente da própria mãe como uma pessoa e de seus traços reais de caráter. Além disso, existem qualidades que a mãe parece possuir, mas que, de fato, se originam da estrutura arquetípica em torno de “mãe” e são projetadas nela pelo filho (ver arquétipo; projeção). A Grande Mãe é uma designação da imagem geral, formada pela experiência cultural coletiva. Como uma imagem, ela revela uma plenitude arquetípica, mas também uma polaridade positivo-negativa. Um bebê tende a organizar suas experiências de vulnerabilidade precoce e dependência de sua mãe em torno de polos positivo e negativo. Disponível em: <http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/grdmae.htm>. Acessado em: 16 nov. 2014.

1.2 A FESTA COMO ELA É HOJE: SAGRADO VERSUS PROFANO

O Círio de Nazaré é uma festa múltipla, cheia de pequenos elementos que formam um grande conjunto de imagens e sensações.

Uma lente objetiva que se aproxima e se afasta do Círio mostra-nos uma mudança de perspectiva quando tentamos entender a festa. De longe, é carnaval; de perto, procissão religiosa. São várias “festas”, não duplas, nem contraditórias, mas múltiplas. A principal personagem é a santa, que está em todos os lugares. Aqui e ali, nas casas, no interior dos oratórios ou em cima da cômoda, seja a imagem em gesso, seja o “retrato”. Está na parede externa das casas, nos cartazes cujos motivos mudam a cada ano. Está também nas pessoas, nos botons e broches, nos bonés, nas camisas, nas fitinhas, tudo com a estampa ou com o nome “Nossa Senhora de Nazaré”. No carro, nas bandeiras amarelas, nos barcos, nos balões e enfeites coloridos. Nas ruas, nos pôsteres, outdoors, arcos, pinturas, murais (FIGUEIREDO, 2005, p. 22).

Existe uma multiplicidade explícita no Círio de Nazaré, além do seu caráter popular. Festa é uma comemoração sagrada ou profana? Os fogos de artifício que abrem a procissão são utilizados em substituição aos clarins da cavalaria que anunciavam a passagem do cortejo, com analogias carnavalescas. A homenagem dos estivadores à Nossa Senhora de Nazaré é feita com a queima de fogos de artifício e embora ela tenha sido instituída na sociedade paraense como uma manifestação institucional além da religiosa, não se pode deixar de observar que o poder da Província sobre ela logo se dissolveria porque alguns elementos da sociedade acabaram sendo incorporados a romaria.

Ao longo dos anos, índios, negros, brancos, mulatos e outros mestiços elaboraram estratégias para impregnar o ritual de representações de sua cultura específica, de significados muitas vezes alheios a políticos e padres. Segundo Arthur Viana, dos longínquos sertões da Província do Pará vieram, para o primeiro Círio, índios de diversos grupos, mestiços de todos os cruzamentos, modificando a fisionomia das ruas da capital. Nas barracas de palha organizadas pelo presidente da Província podia-se encontrar, para a alegria dos comerciantes, cacau, baunilha, guaraná, urucum, tabaco, pirarucu salgado, além de utensílios da cultura material indígena (IPHAN, 2004, p.17).

O lado comercial sempre foi muito presente na realidade do Círio, como a inauguração da feira agrícola ter sido feita pelo governador da província, Sousa Coutinho, apresentando-se como local para a venda de produtos basicamente frutas regionais como o cupuaçu, bacuris e murutis, verduras e animais pequenos, além da cera para fabricação de velas, círios e dos ex-votos sempre movimentou o mercado, o que denota uma relação bastante íntima entre a festa e o comércio local, a mistura do lado profano com o sagrado que caracterizam a multiplicidade da festa. Hoje o chamado Arraial de Nazaré foi o símbolo que mais sofreu mudanças significativas no decorrer de mais de dois séculos de existência, pois, desde o primeiro Círio, o arraial (feira) já estava instalado com seus produtos regionais e animais de pequeno porte como já fora mencionado, em seus áureos tempos entre as décadas de 1940 e 1950 os artistas nacionais conhecidos pela sociedade paraense se apresentavam nas feiras. Atualmente ele apresenta em sua atual configuração a presença de barracas de comidas típicas e um parque de diversões conhecido como ITA Center Park que ilumina as noites da cidade.

Figura 14 – ITA Center Park (Arraial de Nazaré)



Fonte: Site Cuik'et (2015)

Ao acentuar, como os linguistas, o aspecto performático da linguagem, poderíamos definir o rito como um sistema culturalmente construído de comunicação simbólica, constituído de sequências reguladas e ordenadas de palavras e atos, frequentemente expressos por múltiplos meios, cujo conteúdo e disposição (ordem) e redundância (repetição). A ação final dessas características constitutivas é performática porque os atores atribuem um valor ao que fazem como se tratasse de uma ação performática; porque os participantes experimentam intensivamente um acontecimento por múltiplos meios (os cinco sentidos são aplicados nos ritos de comer); porque dizer é fazer no sentido em que, no rito, há projeto de modificação da realidade para que esta se transforme totalmente no que deve simbolizar – por exemplo, corpo de Cristo na Eucaristia; corpo vigoroso, belo e saudável no esporte. Em termos linguísticos, o rito é palavra ilocutória na medida em que sua eficácia reside no próprio ato de linguagem. Há também um caráter perlocutório na medida em que sua força reside no efeito que ele produz (RIVIÈRE, Claude, 1995, p. 84).

O Círio, desde o início, foi muito popular, já que não se firmou como uma tradição de cunho institucional, mas sobretudo pelas histórias que marcaram seu início, suas lendas e particularidades repassadas ao longo do tempo. É comum ouvir das pessoas que a própria santa se recusou a ficar encerrada dentro do Palácio do Governo, como se ela própria se recusasse a permanecer naquele local ao qual não pertencia. Ela necessitava transcender aquelas paredes que a aprisionavam, como um gesto de não cumprimento às ordens do presidente da Província do Pará, preferindo ficar em sua simples ermida, onde pudesse dedicar seu tempo e sua atenção aos seus amados devotos, reforçada pelo seu primeiro fiel guardião, o caboclo Plácido.

A multiplicidade de elementos apresentada por Figueiredo (2005) entre o sagrado e o profano deve ser vista como uma relação de proximidade e não como uma relação de oposição. A linha que separa as duas características é tênue e os conflitos que permeiam essas diferenças permitem vislumbrar muitas formas de conceber e diferenciar a religiosidade entre os fiéis e os clérigos.

O Círio permite observar e vivenciar uma variedade de outras festas menores carregadas de símbolos profanos e pequenos rituais particulares que possibilitam a socialização e o sincretismo de costumes e a integração entre os que comungam do mesmo espaço. Antigamente, alguns casamentos começavam no espaço do arraial, as famílias tinham o hábito de apresentar suas donzelas casaduras aos moços de boas famílias, que namoravam e, em

seguida, se casavam. Outras manifestações compõem o ritual que antecede a romaria maior, que acontece no segundo domingo de outubro, como por exemplo, o Auto do Círio e a Festa da Chiquita, que são manifestações artísticas e culturais organizadas respectivamente pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e pelo movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) de Belém.

Desde 1993, o Auto do Círio é um espetáculo encenado na sexta-feira que antecede a festa no centro histórico de Belém. Trata-se de uma encenação dramática e em algumas passagens os atores fazem pausas para apresentar esquetes e performances artísticas e circenses. No grande final, todos homenageiam a santa ao som de sambas em homenagem a “Naza”, o público participa efetivamente da festa reverenciando a padroeira da cidade. Organizado pela Escola de Teatro e Dança da UFPA, o Auto do Círio reúne a classe artística da cidade e é seguida pelo cortejo da população pelas ruas do bairro Cidade Velha¹⁰. Sobre a carga afetiva que o rito traz, é possível afirmar que:

A força do rito é avaliada, em parte, pela emoção que suscita: uma emoção favorecida pela atenção que exige dos cerimoniários, auditório e participantes envolvidos nesse tipo de comunicação; uma emoção marcada pelas metáforas veiculadas pelo rito – aliás, a vibração do psiquismo será tanto maior na medida em que essas metáforas estiverem relacionadas a situações vitais (RIVIÈRE, 1995, p. 94).

O Auto do Círio envolve pessoas de todas as classes e idades, a carga emocional presente na manifestação abre caminho para outra festa que compõe o cortejo profano¹¹ e marca a passagem da santa pelas ruas de Belém.

¹⁰ Disponível em: <http://autodocirio.ufpa.br/>. Acessado em: 01 nov. 2014.

¹¹ O rito profano encontra a sua lógica no momento em que se realiza e se satisfaz em sua intensidade emocional (uma partida de futebol, um capítulo de novela, um concerto) sem outro projeto a não ser aquele da própria realização e sem nenhuma ligação com o mito, mas, só com alguns valores. Disponível em: <http://www.pluricom.com.br/forum/o-sagrado-e-o-profano-do-rito-religioso-ao>. Acessado em: 16 nov. 2014.

Figura 15 – Comissão de frente do Auto do Círio 2014



Fonte: divulgação do Auto do Círio (2014)

No outro dia já no sábado à noite, depois que passa a trasladação, que é a romaria inversa do Círio de Nazaré, e que será detalhada mais adiante, acontece outro evento que tem características profanas, a Festa da Chiquita.

A Festa da Chiquita acontece na Praça da República, ao lado do Bar do Parque, localizado na Avenida Presidente Vargas, no centro comercial da cidade. Desde 1976, a atração profana que é organizada pelo cantor Eloy Iglesias, líder ativo da comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), começa logo depois que a trasladação passa, corroborando a multiplicidade de sensações que o Círio apresenta. Em um ambiente irreverente, a Festa da Chiquita premia figuras públicas cuja atuação social foi relevante durante o ano e os premiados são coroados “A Rainha do Círio” e o “Veado de Ouro”. Juntamente com o Auto do Círio esta festa representa o lado profano do Círio de Nazaré.

Tanto o Auto do Círio quanto a Festa da Chiquita têm uma participação importante no Círio. Embora sejam *tradições recentes*, elas marcam as passagens de ida e de volta da santa pelas ruas estreitas da capital paraense e originam a multiplicidade de significados e sensações que o Círio proporciona aos paraenses e aos seus convidados.

Figura 16 – Festa da Chiquita (Veado de Ouro)



Fonte: divulgação da Festa da Chiquita (2013)

Figura 18 – Detalhe Festa da Chiquita



Fonte: divulgação da festa da chiquita (2013)

1.3 A ROMARIA DO SEGUNDO DOMINGO DE OUTUBRO

O Círio de Nazaré é composto por símbolos e por doze romarias menores, que acontecem antes da principal, que ocorre no segundo domingo de outubro. Os símbolos que marcam o Círio de Nazaré são: imagem autêntica, imagem peregrina, cartaz, manto, berlinda, corda dos promesseiros e os carros das promessas e ex-votos que já foram apresentados e ilustrados anteriormente. As romarias¹² se dividem em:

1. Traslado para o município de Ananindeua: marca o início das romarias do Círio e acontece desde 1992. Ananindeua é um município que fica na região metropolitana de Belém, distante 19 km, é o segundo município mais populoso do Pará e o terceiro da região amazônica. O traslado sai do Colégio Gentil Bitencourt na sexta-feira que antecede o Círio e segue para a igreja matriz de Ananindeua.
2. Romaria rodoviária: desde 1988, após a imagem sair da igreja matriz de Ananindeua no sábado pela manhã, ela segue pela BR 316 em direção ao distrito de Icoaraci em Belém, para dar sequência à próxima romaria.
3. Romaria fluvial: desde 1986, ao chegar da romaria rodoviária, o arcebispo de Belém recebe a imagem que foi transportada de Ananindeua até Icoaraci em um carro da polícia militar e vai direto para a embarcação, com a qual a imagem percorre 18 km até chegar à escadinha do cais do porto, ao lado da Estação das Docas ainda em Belém.
4. Moto-romaria: na escadinha do cais do porto dá-se início a moto-romaria, que aguarda a imagem nos arredores da Estação das Docas e segue novamente até o Colégio Gentil Bitencourt. A moto-romaria foi criada em 1990.
5. Trasladação: a trasladação é a penúltima romaria antes do Círio e faz exatamente o caminho inverso, durante a noite. A trasladação costuma reunir um público semelhante ao Círio e conta com a ornamentação de velas acesas levadas pelos romeiros durante quase todo o percurso até chegar à igreja da Sé. A primeira aconteceu em 1793.

¹² Fonte: <http://www.ciriodenazare.com.br/portal/romaria.php>. Acessado em: 18 nov. 2014.

6. Círio: é a maior e a mais importante de todas as romarias, pois é durante o Círio que a participação dos fiéis é intensa. O Círio será mais bem detalhado no decorrer deste capítulo.
7. Cicloromaria: criada em 2004, acontece no sábado posterior ao Círio e o percurso é definido dois meses antes do Círio, portanto, é variável a cada ano. Os ciclistas pedalam cerca de 9 km e a saída e a chegada é em frente a Basílica Santuário.
8. Romaria da juventude: também ocorre no sábado posterior ao Círio e é embalada por um trio elétrico seguido por várias comunidades jovens de Belém e região metropolitana. A romaria da juventude acontece desde 2001 e percorre as ruas das imediações da Basílica Santuário.
9. Romaria dos corredores: em 2014 foi instituída mais esta romaria no calendário oficial do Círio, que é feita em forma de trote e não tem caráter competitivo, não há cronometragem e nem existe premiação. O trajeto da procissão tem aproximadamente 8 km com início no Centro Arquitetônico de Nazaré (CAN), passando pelas ruas principais e adjacentes da procissão do Círio. Na chegada há o rito da bênção com a imagem peregrina. Ela acontece no sábado que antecede a festa.
10. Romaria das crianças: acontece no primeiro domingo posterior ao Círio e tem a intenção de reforçar a fé e a devoção das crianças na santa. Esta romaria acontece desde 1990, percorre as ruas próximas à Basílica Santuário e é considerada uma das maiores. Conta com a participação das crianças, adultos e muitos idosos que podem acompanhar este percurso mais tranquilamente.
11. Procissão da festa: a procissão da festa é a penúltima romaria, a terceira mais antiga da quadra nazarena, ou seja, a mais antiga do período de comemorações e é realizada no segundo domingo após o Círio. Ela sai da Praça Santuário, às oito horas da manhã, após a celebração de uma missa.
12. Recírio: marca o fim das festividades do Círio e é o momento de despedida dos paraenses da santa. Esta procissão acontece quinze dias após o Círio, numa segunda-feira. A Autêntica volta ao Glória e a Peregrina volta ao Colégio Gentil Bitencourt até o próximo Círio. Neste mesmo dia também acontece a incineração das súplicas dos fiéis, esse

pequeno ritual acontece desde 1994 como marco final da festa. A primeira procissão do Recírio aconteceu em 1859.

As primeiras romarias menores, que antecedem o Círio, acontecem sequencialmente na véspera, ou seja, começam no sábado ao nascer do sol e terminam por volta da meia-noite. As outras acontecem em intervalos maiores e o Recírio acontece exatamente quinze dias após o Círio. Como o objeto de estudo desta pesquisa é a romaria virtual, que acontece simultaneamente ao Círio, não será feita uma descrição detalhada das demais romarias que compõem o evento maior¹³.

A romaria do segundo domingo de outubro é a maior delas, no entanto, a trasladação proporciona um espetáculo visual noturno que pode ser visto no mesmo percurso (inverso) do Círio. Essa romaria marca no tempo e no espaço a caminhada da santa entre o colégio e a Catedral da Sé. É uma caminhada muito semelhante a do Círio, a diferença maior é o fato de ela acontecer à noite e formar um caminho de luzes fornecidas pelas velas erguidas durante toda a procissão, a corda do Círio também está presente e há alguns anos, a trasladação consegue reunir tantos devotos quanto o Círio.

A procissão em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré costumeiramente começa às cinco horas da manhã e sai da Catedral da Sé, que fica situada no bairro Cidade Velha em frente à Baía do Guajará, após a celebração da missa, que é o marco inicial da procissão, quando começa o cortejo pelas ruas da cidade. A romaria tem 3,6 km de percurso, saindo da Praça Frei Caetano Brandão e segue pela Avenida Boulevard Castilhos França, assim que a caminhada se inicia é possível observar os pequenos rituais e pagamentos de promessas tão característicos do Círio.

¹³ Mais informações sobre toda a programação do Círio de Nazaré está disponível em: <http://www.ciriodenazare.com.br/portal/>. Acessado em: 01 nov. 2014.

Figura 17 – Trasladação

Fonte: divulgação da diretoria da festa (2013)

Durante o percurso, é possível perceber que o cortejo é formado por pessoas que vivem em Belém, turistas de outros estados e até mesmo de outros países. Anualmente observa-se um aumento considerável no número de pessoas que acompanham a procissão. Segundo as estimativas do DIEESE/PA, dois milhões e cem mil pessoas acompanharam o Círio em 2013 e 2014.

As ruas se enfeitam, as repartições públicas deixam de lado o estado laico e se rendem à devoção pela Virgem de Nazaré, entre as muitas homenagens feitas por órgãos públicos e privados, como por exemplo, a do Banco do Brasil que geralmente traz um cantor famoso para entoar os hinos tradicionais da festa e a chuva de papel picado. A homenagem feita pelo Banco da Amazônia (BASA) com a tradicional queima de fogos de artifício e outras homenagens menores organizadas pelos condôminos localizados durante o percurso, além das homenagens pessoais feitas pelos romeiros que caminham junto com a berlinda que leva a santa.

No ano de 2004, o DIEESE registrou o Círio mais longo da história¹⁴, com 9 horas e quinze minutos de duração, época em que o IPHAN instituiu o Círio de Nazaré como patrimônio cultural de natureza imaterial. Algo que chama bastante a atenção ao observar o percurso presencialmente são os treze carros dos milagres e graças alcançadas pelos fiéis. Neles são levados durante toda a procissão os objetos que representam as promessas. Os carros são assim chamados: o Carro de Plácido, a Barca dos Escoteiros, a Barca Nova, o Cesto de Promessas, a Barca com Velas, a Barca Portuguesa, a Barca com Remos, o Carro Dom Fuas, o Carro da Santíssima Trindade e quatro Carros dos Anjos. Além de receberem os objetos carregados pelos promesseiros durante a procissão, os carros também representam a devoção do povo paraense à Virgem de Nazaré.

Sabe-se, pelos relatos da população e também de alguns documentos históricos¹⁵, que a primeira procissão do Círio de Nazaré aconteceu em uma tarde de setembro, dia 8 em 1793, e que, na véspera, a Autêntica foi transferida (trasladação) da sua então ermida para o Palácio do Governo com toda a pompa que a época permitia. A transferência foi acompanhada por 1.932 soldados, uma mobilização muito grande ao se considerar o tamanho da cidade e a época em que ocorreu.

¹⁴ Fonte: <http://cirio.diarioonline.com.br/noticia-interna.php?nIdNoticia=111727>. Acessado em: 02 nov. 2014.

¹⁵ O primeiro Círio só foi realiza: <http://cirio.diarioonline.com.br/noticia-interna.php?nIdNoticia=111727>. Acessado em: 02 nov. 2014. do no dia 8 de setembro de 1793, com a organização do presidente da Província do Pará, Dom Francisco de Souza Coutinho. Inicialmente, a festa religiosa não tinha uma data fixa para acontecer, mas a partir de 1901, o bispo Dom Francisco do Rego Maia determinou que a romaria fosse realizada sempre no segundo domingo de outubro. Disponível em: <http://www.fundacaonazare.com.br/novoportal/?action=Canal.interna&oCanal=10&id=138&classe=M>. Acessado em: 01 nov. 2014.

Figura 18 – Saída da santa (Basílica)



Fonte: divulgação da diretoria da festa (2014)

Hoje a procissão é gigantesca, formada por um mar de gente que invade as arruelas de Belém, após sair da Avenida Boulevard Castilhos França, a

caminhada faz uma curva acentuada e tensa na subida para a Avenida Presidente Vargas, onde recebe as inúmeras homenagens já mencionadas antes ao longo do caminho, como por exemplo, as homenagens feitas pelo Banco do Brasil, Basa (Banco da Amazônia) e a dos moradores da Avenida Presidente Vargas¹⁶.

Quando o Círio chega até o cruzamento da Avenida Nazaré puxado pela corda, é possível ver e sentir que a tensão causada pela caminhada é intensa, mas o povo cansado, suado e descalço não desiste do seu objetivo: terminar o percurso e entregar em segurança a sua mãe “Nazinha” de volta ao seu lar.

A corda¹⁷ dá o ritmo durante toda a caminhada, e é puxada firmemente pelos promesseiros. Atualmente ela tem 400 metros de comprimento e duas polegadas de diâmetro e sua composição é de titan torcido de sisal oleado. Homens e mulheres disputam um lugar à corda que é atrelada à berlinda, que é uma pequena carruagem que faz o transporte da santa ao longo do percurso, por meio de uma argola metálica e, como é a corda quem dita o ritmo da procissão, muitas vezes ela precisa ser desatrelada da berlinda para que o Círio possa caminhar mais rapidamente. Até 2003, a corda era atrelada em formato de “U”, as duas pontas da corda ficavam atreladas à berlinda. Em 2004, a corda passou a ter a forma linear seccionada em alguns pontos, dando origem às “estações da corda”.

¹⁶ Fonte: <http://diariodopara.diarioonline.com.br/impressao.php?idnot=172254>. Acessado em: 01 nov. 2014.

¹⁷ História da Corda – Durante a procissão de 1855, quando a berlinda ficou atolada por conta de uma grande chuva, a Diretoria da Festa teve a ideia de arranjar uma grande corda, emprestada às pressas de um comerciante, para que os fiéis puxassem a berlinda. A partir daí, os organizadores do Círio começaram a se prevenir, levando sempre uma corda durante a romaria. Mas só no ano de 1885, a corda foi oficializada no Círio, substituindo definitivamente os animais que puxavam a berlinda. No Círio de 1926, o arcebispo Dom Irineu Jofilly suprimiu a corda do Círio, já que “não compreendia o comportamento na corda, onde homens e mulheres se empurravam em atitudes nada devotas”. A proibição gerou várias manifestações populares e políticas, mas chegou a durar cinco anos. Só em 1931, com intervenção pessoal de Magalhães Barata, então governador do Estado, a corda voltou a fazer parte do Círio. Disponível em: <http://www.ciriodenazare.com.br/simbolos/>. Acessado em: 12 set. 2014.

Figura 19 – Detalhe de uma das estações da corda



Fonte: divulgação da diretoria da festa (2014)

Figura 20 – A corda de titan de sisal oleado



Fonte: AMAZOONPRESS (2012)

Quando o Círio finalmente chega na Basílica Santuário, para aquele que acompanha a procissão desde o início a sensação é de dever cumprido, alívio, transcendência de seus limites físicos e emocionais. Cada passo é dado com dificuldade, às vezes, se perde um sapato, faz-se um machucado nos pés, leva-se um banho de água, conversa-se com desconhecidos, ri, chora, transforma cada segundo da romaria em um segundo de resiliência. Para entender é preciso vivenciar a experiência, o ritual requer a presença física.

Quando se usa o termo “rito”, faz-se referência a uma ação realizada em determinado tempo e espaço. Assim, dizemos que rito do Bar Mitzwah é o rito que faz com que o menino se torne homem, no judaísmo, assim como no cristianismo o rito do batismo faz da criança um cristão. Trata-se, pois, de ações rituais realizadas no seio de uma religião ou de uma cultura e reconhecidas como tais. Trata-se de ações que são diferentes das ações da vida ordinária e se distinguem do comportamento comum (TERRIN, 1999, ps. 19 e 20).

O Círio é o ritual anual do paraense, seja ele de qual religião for, tudo naquele momento é uma unidade, ainda que o evangélico não segure a corda ou que não deixe um ex-voto no carro das promessas, que não vista seu filho de anjo, mas o almoço do Círio é feito e a família se reúne porque, nesse momento, não se trata mais de uma procissão católica, se trata da reunião e a celebração com a família, representa entre outras coisas, o vínculo entre as pessoas. A chegada da santa na Basílica Santuário não é o final, mas apenas o marco principal dos quinze dias que ainda virão e que serão celebrados intensamente por todos os paraenses e seus convidados.

Figura 21 – Chegada da santa na Praça Santuário



Fonte: divulgação da diretoria da festa, 2014.

Após conhecer o Círio de Nazaré, os relatos que constroem a lenda sobre a devoção à padroeira dos paraenses e rainha da Amazônia, o processo de oficialização da sua devoção à imagem encontrada por Plácido às margens do Murucutu, a descrição da festa tal qual ela é representada, com seus aspectos únicos e múltiplos ao mesmo tempo, misturando o sagrado e o profano e principalmente, apresentando a romaria maior que acontece no segundo domingo de outubro, o capítulo que segue apresenta a versão digital do Círio, ou seja, a sua página na Internet e no *Facebook* e seus aplicativos de acompanhamento da romaria em tempo real.

Conhecer estas ferramentas e dispositivos digitais permite acompanhar e entender melhor como surge a romaria virtual de Nazaré, tema que motivou esta pesquisa.

2. A ROMARIA NA REDE

O objetivo deste capítulo é apresentar as ferramentas digitais utilizadas pela diretoria da festa de Nazaré e também pelos romeiros, antes e durante a procissão do Círio de Nazaré e, principalmente como a Igreja Católica conseguiu se apropriar de tais ferramentas e suas múltiplas possibilidades: site do Círio, perfil oficial no *Facebook* e os aplicativos para celular destinados a acompanhar a romaria oficial.

Falar da comunicação como espaço sociocultural para se realizar a evangelização no mundo contemporâneo significa abordar, sobretudo, um contexto de sociedade que se modifica em uma velocidade, marcada pelos avanços tecnológicos e, especialmente, pela era digital, provocando mudanças sociais e de costumes, em que o mundo das comunicações se apresenta como uma área cultural de grande importância a ser refletida pela igreja (PUNTEL, 2008, p.14).

O ambiente virtual tornou-se tão sedutor que nem mesmo a Igreja Católica escapou ileso a este processo de virtualização de seus ambientes que antes existiam no espaço físico das igrejas e agora vivem também a partir de um domínio exclusivo na Internet. Agora o endereço da igreja é também digital. Segundo Gomes:

Hoje, a Igreja Católica está empenhada em desenvolver grandes redes de rádio e de televisão, em utilizar largamente a Internet, criando e desenvolvendo sites religiosos, sem se perguntar sobre as consequências para a vida das pessoas. Diversos organismos ligados à Igreja Católica criaram sites de relacionamento, aconselhamento pastoral, entre outros, considerando a rede mundial como uma extensão a mais de sua ação, sem se preocuparem com uma reflexão mais profunda sobre os processos midiáticos envolvidos (GOMES, 2010, p. 158).

Além da possibilidade de ter um site com domínio registrado e um administrador de redes, também é possível criar e administrar páginas e perfis em redes sociais e outras redes que permitem a interação¹⁸ com membros da mesma comunidade, mas esta interação será melhor abordada durante a análise do fenômeno da romaria virtual.

A emergência da Internet como um novo meio de comunicação esteve associada a afirmações conflitantes sobre a ascensão de novos padrões de interação social. Por outro lado, a formação de comunidades virtuais, baseadas sobretudo em comunicação on-line, foi interpretada como a culminação de um processo histórico de desvinculação entre localidade e sociabilidade na formação da comunidade: novos padrões, seletivos, de relações sociais substituem as formas de interação humana territorialmente limitadas. Por outro lado, críticos da Internet, e reportagens da mídia, por vezes baseando-se em estudos acadêmicos, sustentam que a difusão da Internet está conduzindo ao isolamento social, a um colapso da comunicação social e da vida familiar, na medida em que os indivíduos sem face praticam uma sociabilidade aleatória, abandonando ao mesmo tempo interações face a face em ambientes reais. Além disso, dedicou-se grande atenção a intercâmbios sociais baseados em identidades falsas e representação de papéis. Assim, a Internet foi acusada de induzir gradualmente as pessoas a viver suas fantasias on-line, fugindo do mundo real, numa cultura cada vez mais dominada pela realidade virtual (CASTELLS, 2003, p. 98).

Nesse sentido, o fato de a Basílica de Nazaré e da diretoria da festa de Nazaré terem um domínio registrado, perfis em redes sociais e aplicativos para celulares e *tablets*, não as caracterizam como instituições destituídas de vínculos sociais com seus membros. Com a instituição da romaria virtual de Nazaré em 2013, observou-se que a participação efetiva nas redes sociais em termos numéricos é significativa, considerando-se que ultrapassa a casa dos cem mil, segundo os números de “curtidas”¹⁹ que aparecem no perfil oficial do *Facebook* e, que a participação presencial é superior a dois milhões de

¹⁸ De forma genérica, pode-se definir interação como toda ação entre dois ou mais entes (pessoas, máquinas, organizações etc.). Visões muito restritivas defendem que um intercâmbio não linguageiro poderia ser apenas considerado uma simples reação. Para outros, até a reação mecânica (como o deslocamento de uma pedra chutada) é um tipo de interação. Logo, trocar o canal de televisão, operar um celular ou videogame seriam interações, mas de um tipo mais limitado que interações conversacionais, por exemplo. Logo, em todos os exemplos citados poder-se-iam verificar ações entre os envolvidos. Caberia ao pesquisador, pois avaliar a qualidade dos processos que ocorrem entre eles. Fonte: Dicionário da Comunicação, 2014, p. 250.

¹⁹ As possibilidades de interação no *Facebook* se limitam a: curtir, compartilhar e comentar, sendo que comentar é a única possibilidade real de interação com os demais participantes do grupo.

pessoas segundo o DIEESE²⁰. A combinação entre a teleparticipação e a participação *in loco* dá relevância a este estudo, pois o objetivo é explorar a romaria virtual e o processo que envolve o ritual religioso e suas configurações.

Para Castells (p. 99, 2003) “os usos da Internet são, esmagadoramente, instrumentais, e estreitamente ligados ao trabalho, à família e à vida cotidiana”. A utilização da rede como ferramenta de práticas sociais pode ser observada por perspectivas diferentes a partir das três principais ferramentas de interação digital ao analisar a romaria virtual.

2.1 AS CLASSIFICAÇÕES DA RELIGIÃO NAS REDES

Antes de apresentar as principais ferramentas de uso na Internet utilizadas pela organização do Círio e seus fiéis, convém situar as propostas de classificação dessas utilizações por meio de dispositivos digitais tecnológicos. São muitas as formas de participações virtuais e estão entre elas: missas, bênçãos, cultos, grupos de novena, pagamento de promessas e até mesmo é possível acender uma vela virtual. No entanto, cada forma de participação pela Internet tem a sua particularidade, e estas formas de classificação e de participação foram propostas por Helland (2002) e Karaflogka (2002).

As classificações são denominadas por *religion-online* e *online-religion*. Helland (2002) propôs níveis de participação religiosa existentes em rede, ou na Internet, e de acordo com ele (2002, p. 294) “a maneira como eles [os indivíduos] utilizam esse meio é baseada no que eles acreditam que a Internet é e para que eles acreditam que ela possa ser usada”, em outras palavras, a utilização vai depender basicamente do tipo de intenção religiosa que o indivíduo tem.

O primeiro tipo de classificação da manifestação religiosa é a *religion-online*, que é equivalente a utilização da Internet como um dispositivo ou ferramenta para a comunicação um-todos, sendo que o detentor da informação é aquele quem a disponibiliza para consulta. Helland (2002, p. 295) ainda reforça que “é importante reconhecer que nem todas as organizações religiosas oficiais usam a Internet como ferramenta de comunicação um-todos”.

²⁰ Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2013/index.html>. Acessado em: 30 nov. 2014.

Esta modalidade oferece uma maior possibilidade de controle sobre o que o usuário poderá acessar.

Religion-online parece ser o padrão para grupos religiosos baseados em organizações hierárquicas de Igreja [...]. Para eles, o meio internet é controlado e utilizado como uma ferramenta para a transmissão de uma mensagem ao invés de como um ambiente de compartilhamento de crenças e práticas religiosas (HELLAND, 2002, p. 295).

Ainda sobre a maior possibilidade de controle que existe na modalidade mencionada, é possível identificar que as informações contidas no site acabam sendo pouco atualizadas e geram uma sensação entediante aos usuários. Uma alternativa encontrada pela Basílica Santuário foi fazer a interligação entre seu conteúdo fixo dos sites com as demais redes sociais oficiais e também o cuidado com a estética da sua página, alternativa esta que deixou o site mais atrativo e agradável de explorar.

Em outras palavras, a modalidade *religion-online* resume-se à forma de apresentação de informações de cunho religioso na qual a contribuição e a resposta são inexistentes, não existe interação entre as partes e, segundo Helland, por esta razão ela não pode ser caracterizada como uma ferramenta com a qual é possível fazer religião.

A outra modalidade proposta por Helland é a *online-religion* referente às manifestações religiosas todos-todos, que considera a Internet como um ambiente virtual. Helland (2002, p. 298) aponta que “para que a *online-religion* possa se manifestar certo tipo de modelo interativo precisa ser criado no site”. Porém, (2002, p. 297) “ainda que o *e-mail* possa ser usado para expressar crenças religiosas e espirituais, é uma forma de comunicação um-um/todos que não tem a natureza interativa que muitos indivíduos procuram quando querem ‘fazer’ religião na internet”. A sugestão de contribuição entre as crenças e valores religiosos é fato determinante para esta modalidade.

Segundo Karaflogka (2002), que em certos aspectos se parece com Helland, a Internet oferece outras possibilidades de manifestações religiosas. Como é o caso da *religion-on* e *religion-in* que é baseada na perspectiva de que a Internet é vista como uma ferramenta ou como um ambiente. A *religion-on* (2002, ps. 284 e 285) caracteriza-se como “informação disponibilizada por

qualquer religião, Igreja, indivíduo ou organização que também existe e pode ser conseguida fora da Internet”, isto é, uma ferramenta da mídia de transferência de informações que já existem previamente. Por outro lado, a *religion-in* é a representação da fé religiosa por meio do ciberespaço, utilizando a rede como ambiente para existir como é o caso da romaria virtual do Círio de Nazaré.

2.1.1 NOVAS TIPOLOGIAS

Em uma pesquisa feita por Markham (*apud* Helland, 2002), a Internet pode ser entendida de três formas distintas: como ferramenta, como lugar e como estado de ser. Cada uma dessas formas implica diretamente em um tipo de participação específico e um grau de envolvimento no ciberespaço. A utilização da Internet como ferramenta refere-se à utilização dela como canal de transferência de informações e o indivíduo apenas busca essas informações sem a mínima possibilidade de interação com outros indivíduos.

As religiões costumam utilizar a Internet como mídia difusora de suas doutrinas, mensagens, imagens, áudios e vídeos e assim aumentar sua área de influência, de controle e poder, vista pelos usuários como manifestação informativa. Quando a Basílica Santuário deseja passar informações institucionais ela se utiliza do site para isso, ou seja, o site é a sua ferramenta que apresenta as informações e, em cadeia hipertextual, leva o usuário a navegar pelas páginas informativas.

A Internet usada como lugar ou manifestação espacial religiosa promove a sensação de interação entre os usuários no que diz respeito aos rituais e demais práticas religiosas. Silva (2005) aponta que o ato de discutir assuntos envolvem a existência ou criação de um espaço, mesmo que ele seja frágil, como é o caso da troca de informações via *e-mail*, e pode ou não vir a criar uma comunidade e a sensação de pertencer a um grupo específico. Como é sabido e posteriormente será discutido mais a fundo, os rituais e outras práticas religiosas necessitam de um espaço para existirem, independentes de serem coletivas ou individuais e não necessariamente levar a formação de uma comunidade. Essa modalidade de manifestação religiosa abre espaço para a

utilização midiática e a criação das comunidades virtuais, aglutinando a primária relação entre a comunicação, religião e comunidade.

O ciberespaço apresentou-se como um ambiente propício para o surgimento de novas comunidades virtuais e suas particularidades, transmitindo aos indivíduos um sentimento de interação com os demais, como por exemplo, as peregrinações que acontecem virtualmente, velas virtuais e outros tipos de rituais.

A última modalidade de classificação é o modo de ser, ou a forma de transcender o *online* pela *tecnoreligiosidade*, ou seja, aqueles que enxergam os diversos dispositivos tecnológicos como a solução mágica para todos os problemas do mundo ou para a sua própria salvação. A utilização desses dispositivos adquiriu características de um ritual religioso midiático, que da mesma forma cria o sentido do *communitas* que não está relacionado apenas com a participação do indivíduo, mas também com a sua utilização efetiva como canal de transcendência, no qual a tecnologia passa a ser vista como algo divino e libertador.

A seguir, serão apresentados um a um, os dispositivos digitais tecnológicos utilizados pela Basílica de Nazaré e seus enquadramentos nas novas tipologias apresentadas.

2.2 O SITE OFICIAL DO CÍRIO

Se todas as esferas da vida social foram abarcadas pelo tecnológico, nem mesmo a experiência religiosa passou incólume. Partindo dos estudos sobre a Ciber-religião, proposta por Miklos (2012), pode-se entender que:

A mútua contaminação entre os meios de comunicação eletrônicos e religião deu-se, nesse sentido, pela afinidade de ambas como o modelo capitalista de crescimento e abarcamento social e pela sua vocação doutrinária, por seu proselitismo (MIKLOS, 2012, p.29).

Tanto a religião quanto a mídia têm uma característica intrínseca comum às duas, que é exatamente o proselitismo, a tentativa incessante de converter o outro às suas doutrinas. Elas sempre se apresentam interessantes e sedutoras como um oásis no meio do deserto esperando por aqueles que anseiam saciar

sua sede. Unindo a religião e a mídia tem-se a fórmula para aumentar os seus campos de atuação, tanto pelos mais tradicionais (rádio e televisão) quanto pelos mais atuais e tecnológicos, como é o caso da Internet e sua gama de possibilidades.

Sob a justificativa oficial da conversão, as religiões passam a usar os meios eletrônicos de comunicação. São dezenas de programas de rádio, jornais e revistas dedicados ao tema. Meios de comunicação eletrônicos e religião, em uma relação de interdependência, passam a formar um conglomerado complexo – uno e diverso. Enfim, um canal de difusão de bens simbólicos, especificamente dos emblemas religiosos que utiliza esses meios eletrônicos (MIKLOS, 2012, p. 29).

Sem entender a Cibercultura não será possível conceber a ideia da ciber-religião, pois estão diretamente ligadas em seus campos semânticos e têm suas raízes no mesmo lugar. A diferença entre elas é que, enquanto a Cibercultura relaciona-se estreitamente com os computadores e seus componentes tangíveis e intangíveis, a ciber-religião, além dessa ligação, também compreende uma devoção, ou ainda segundo Miklos (2012), um grande conjunto de experiências religiosas virtuais pela Internet. Tanto a religião quanto a mídia estão muito mais próximas do que se imagina, uma alimenta a outra simultaneamente, uma não é imune à outra. A religião necessita da mídia para ampliar seu espaço de atuação e propagação e a mídia necessita da religião para mostrar a prova da sua hegemonia em todas as partes da sociedade.

Nem o Círio de Nazaré resistiu às inovações tecnológicas tão comuns na atualidade, como a criação de uma página na Internet, ter perfil institucional no *Facebook* e ainda a criação de aplicativos para que os usuários possam acompanhar a romaria virtualmente. A página oficial do Círio existe desde o início dos anos dois mil no domínio: www.ciriodenazare.com.br e apresenta muitas informações sobre diversos aspectos da festa. Embora a lenda que conta a origem do Círio esteja disponível e acessível em livros, jornais, periódicos e outros tipos de documentos, o portal do Círio de Nazaré resume as informações e as apresenta de forma acessível para quem quiser saber um pouco mais sobre as origens e tradições da festa.

A apresentação do site é feita de maneira intuitiva de fácil navegação, tendo a usabilidade²¹ como ponto forte para a interação entre o usuário e a página, que contém informações visíveis e acessíveis. O topo do site é ornado por um *banner* fixo e estático, logo abaixo aparece outro *banner* que é constantemente atualizado, este segundo é animado e as imagens se movimentam e se modificam no intervalo de alguns segundos. Logo acima dos *banners* iniciais, existem as guias institucionais do site: Início, Notícias, O Círio, Programação, Organização, Basílica e Turismo.

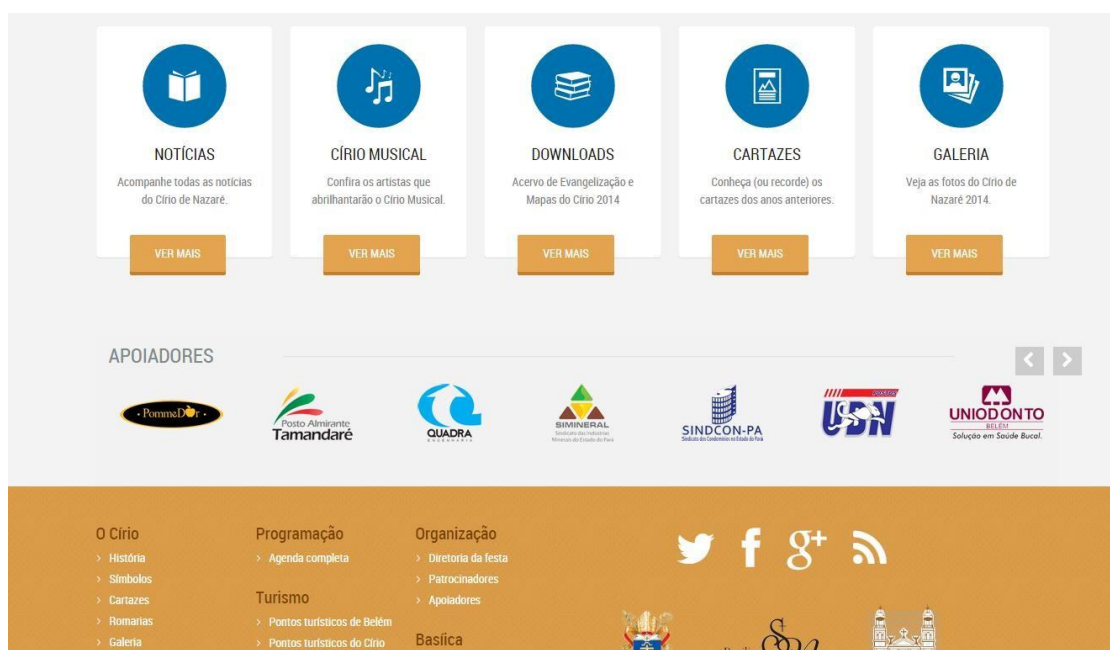
Figura 22 – Detalhe da página do Círio na internet



Fonte: Site do Círio (2014)

²¹ A usabilidade é um atributo de qualidade dos produtos que permite aferir se uma interface com o utilizador é fácil de utilizar. A palavra "usabilidade" também se emprega para referir o conjunto de métodos destinados a melhorar a usabilidade dos produtos. Disponível em: <<http://tangivel.com/usabilidade>>. Acessado em: 12 out. 2014.

Figura 23 – Detalhe das abas de navegação da página



Fonte: Site do Círio (2014)

Tabela 1- Mapa do Site

INÍCIO	NOTÍCIAS	O CÍRIO	PROGRAMAÇÃO	ORGANIZAÇÃO	BASÍLICA	TURISMO
Página Inicial	Agenda Completa	História Símbolos Cartazes Romarias Romeiros Manifestações culturais Peregrinações Hinos e músicas Imprens	Histórico	Diretoria da Festa Patrocinadores Apoiadores	Informações sobre a Basílica Santuário	Pontos turísticos de Belém Pontos turísticos do Círio Culinária paraense

As sete guias oferecem informações simples e objetivas acerca do evento, porém sem possibilidade de interação direta. O texto está disponível permanentemente estático, apenas a programação muda anualmente. As demais guias permanecem inalteradas. Observa-se que o site do Círio de

Nazaré está enquadrado na modalidade *religion-Online*, segundo a classificação proposta por Helland (2002) e Karaflogka (2002), seguindo os níveis de participação existentes na web, descritas nas seguintes disposições: *um-todos e todos-todos*.

Na modalidade um-todos, uma pessoa *fala* para todos, ou seja, o site do Círio de Nazaré apresenta as informações relevantes sobre a festa e na segunda modalidade uma pessoa fala com todos e todos interagem com todos respectivamente, situação na qual estão inseridas as redes sociais e os aplicativos oficiais da festa.

Dessa forma, no site oficial do Círio de Nazaré não existe uma troca ou um fluxo de troca de informações, na realidade, o fiel utiliza esta ferramenta para sanar dúvidas e confirmar a agenda oficial da festa, bem como migrar para as outras plataformas de comunicação entre a festa de Nazaré e seus fiéis.

A primeira nomenclatura, *religion-online*, tem equivalência de uma Internet apresentada como mera ferramenta utilizada como um local no qual o fiel busca informações acerca de sua igreja em particular, sem interação ou vínculo com os demais participantes da comunidade daquela igreja.

A experiência virtual do Círio de Nazaré, em sua página oficial, não permite uma interação efetiva com seus fiéis. As informações ficam naquele ambiente por muito tempo sem nenhum tipo de intervenção direta ou indireta de quem recorre à ferramenta. No entanto, a dinâmica muda consideravelmente quando existe a transição de comportamento da página estática para os perfis nas redes sociais, como pode ser observado no mesmo site e no quadro dos *links* dos perfis sociais, aspectos que serão analisados detalhadamente no capítulo seguinte.

2.3 O FACEBOOK OFICIAL DO CÍRIO

A romaria virtual de Nazaré acontece primeiramente pela página oficial do *Facebook* do Círio e pode ser observada como um tipo de comunidade virtual. Castells (2001) reitera a noção de comunidade virtual, mesmo antes de o *Facebook* ser criado e lançado a público, como é possível observar no trecho a seguir:

A noção de “comunidades virtuais”, propostas pelos pioneiros da interação social na Internet, tinha uma grande virtude: chamava a atenção para o surgimento de novos suportes tecnológicos para a sociabilidade, diferentes formas anteriores de interação, mas não necessariamente inferiores a elas. Mas também induziu a um grande equívoco: o termo “comunidade”, com todas as suas fortes conotações, confundiu formas diferentes de relação social e estimulou a discussão ideológica entre aqueles nostálgicos da antiga comunidade, especialmente limitada, e os defensores entusiásticos da comunidade de escolha possibilitada pela internet (CASTELLS, 2001, p.105).

O perfil oficial do *Facebook* do Círio de Nazaré foi desenvolvido em 2011 e é administrado pela Agência de Comunicação Eko. Em 2013, a diretoria da festa lançou a romaria virtual que aconteceria no Círio daquele mesmo ano, fato este que elevou o número para mais de cem mil curtidas da página e a participação efetiva dos *ciberfiéis* na inédita romaria. O perfil do *Facebook* oficial do Círio permite uma interação efetiva entre quem administra a página e os fiéis que acompanham a movimentação das informações, calendários, fotos, compartilhamentos etc. Esta movimentação pode ser enquadrada na classificação *religion-online*, ou seja, a Internet é percebida como um ambiente e segundo Helland (2002), “para que a *online-religion* possa se manifestar certo tipo de modelo interativo precisa ser criado no site”, neste caso, o *Facebook*.

Figura 24 – Foto de capa do Facebook Oficial do Círio Nazaré



Fonte: Facebook (2015)

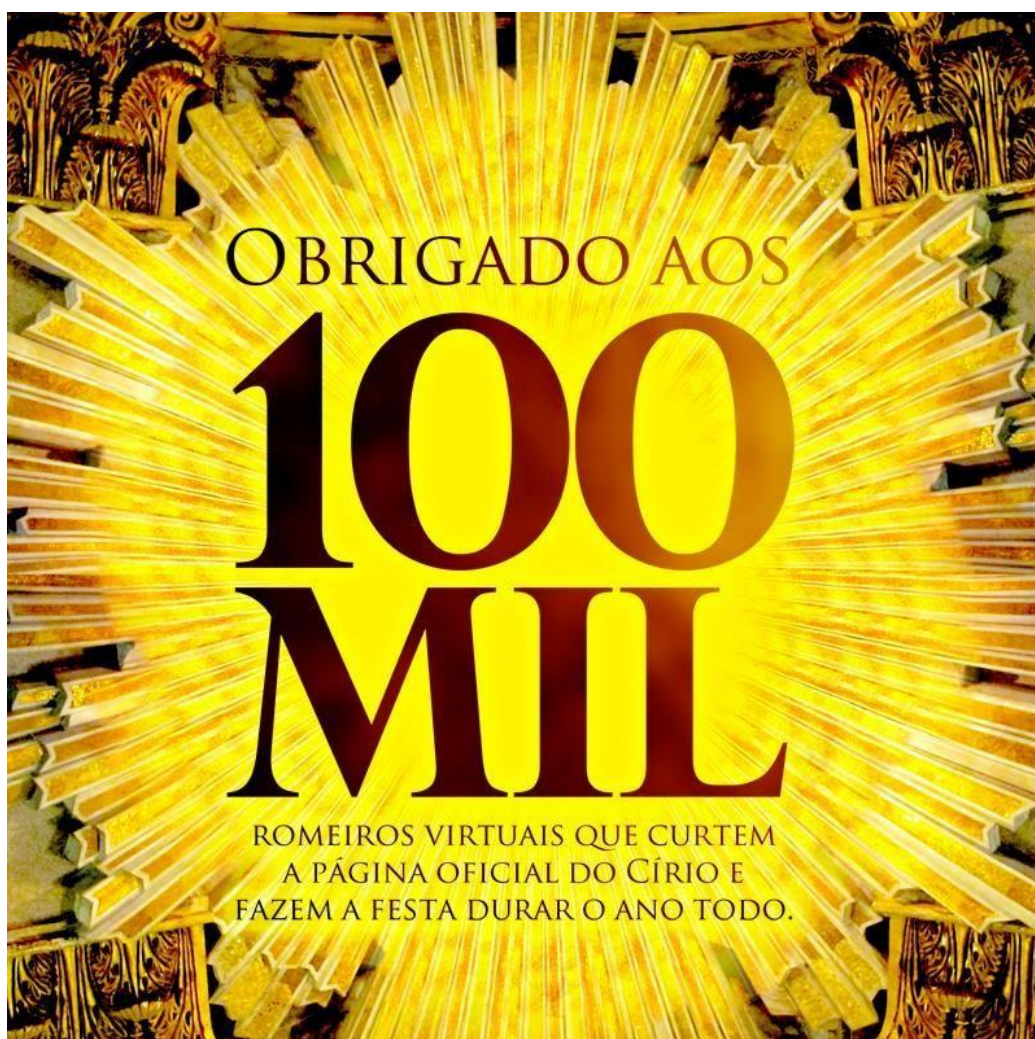
Figura 25 – Primeiros 60 mil Romeiros Virtuais



Fonte: Facebook (2013)

Muitos são os motivos que levam as pessoas a participar virtualmente de diversos tipos de manifestações religiosas por meio de dispositivos digitais conectados à Internet e a partir da observação dos perfis sociais do Círio de Nazaré é possível inferir que o aumento dessa participação deu-se principalmente pela distância geográfica que os *ciberfiéis* têm como barreira no dia da procissão do segundo domingo de outubro.

Figura 26 – Primeiros 100 mil Romeiros Virtuais



Fonte: Facebook (2013)

A página oficial do Círio no *Facebook* acompanha o mesmo estilo de qualquer outra página de caráter religioso ou comercial, a diferença mais evidente é o tipo de participação/interação que as pessoas fazem e como elas a utilizam para demonstrar sua devoção à padroeira dos paraenses. A função principal deste perfil social é atualizar sobre as informações da Basílica Santuário ao longo do ano e principalmente mostrar aos fiéis as novidades acerca do Círio que está por vir: apresentação do cartaz eleito para o ano em questão, organização da festa, grade de programação da quadra nazarena²², data e horário da descida da santa do Glória, romaria fluvial e outros eventos menores que compõem o Círio e que já foram mencionados no capítulo anterior.

A romaria virtual pode ser vista a partir das imagens de compartilhamento catalogadas em outubro de 2014. Depois desta observação, fica evidente a multiplicidade de significados a quem observa e participa desta nova modalidade de romaria. A seguir, algumas imagens das telas mostram a amplitude da participação dos fiéis pela rede.

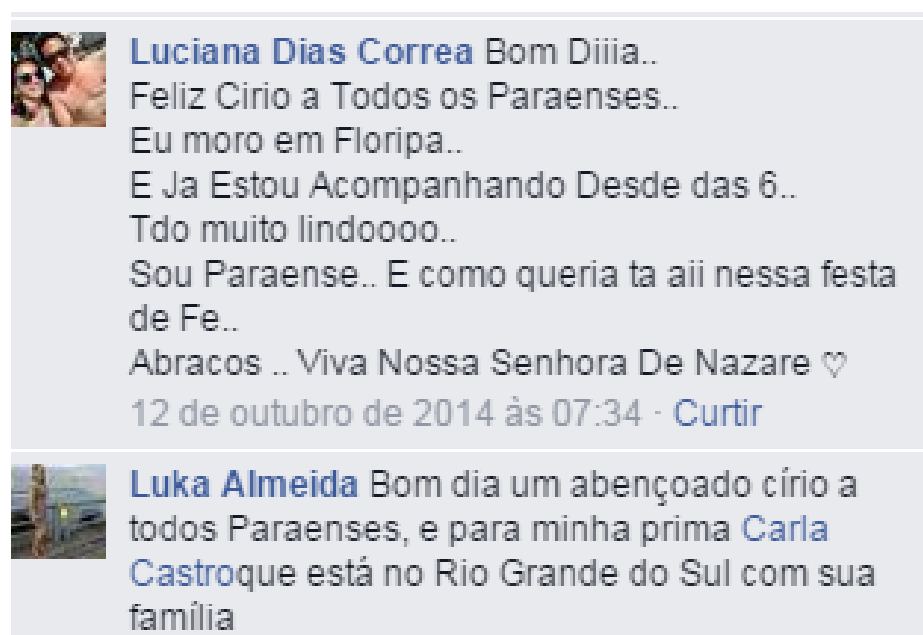
Figura 27 – Manifestações feitas pelo Facebook



Fonte: Facebook (2014)

²² A chamada quadra nazarena corresponde ao período que tem duração de quinze dias, e vai desde o primeiro domingo de outubro até a segunda segunda-feira seguinte, ou seja, um período de quatro semanas.

Figura 28 - Teleparticipação do Círio



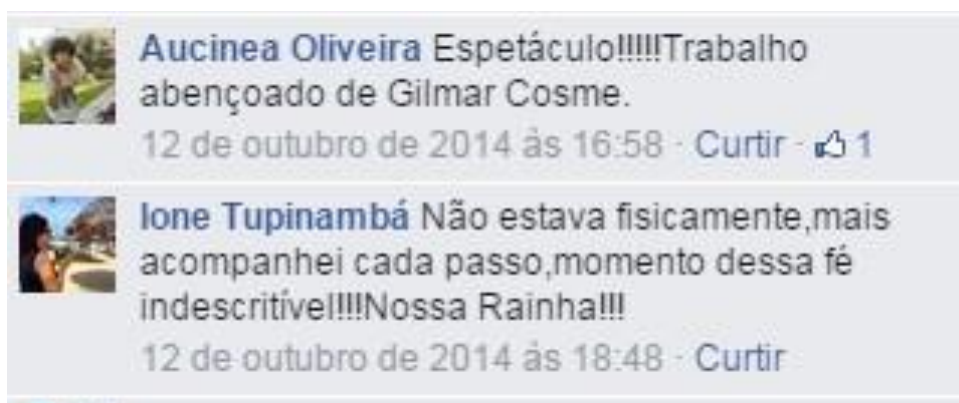
Fonte: Facebook (2014)

Figura 29 – Participações reais e virtuais simultâneas



Fonte: Facebook (2014)

Figura 30 – Manifestação do sentimento de presença e pertencimento



Fonte: Facebook (2014)

As imagens apresentam um panorama do perfil dos participantes efetivos da romaria virtual. Observa-se que grande parte deles não pode estar na cidade por algum motivo não claramente especificado, como por exemplo, distância geográfica aliada à indisponibilidade financeira. A outra parte que compõe o quórum da participação envolve os fiéis que estão na cidade e em suas imediações, mas que por indisponibilidade de locomoção ou por problemas de saúde não puderam acompanhar a romaria. Existem ainda aqueles que estão participando da romaria e, mesmo assim, sentem a necessidade de marcar sua presença por meio de fotos, curtidas, *check-ins* e comentários na versão virtual.

2.4 OS APLICATIVOS DO CÍRIO

Na época em que Plácido encontrou a imagem autêntica e as primeiras romarias começaram era impossível imaginar que um mecanismo que apontasse a exata localização da berlinda que transporta a virgem de Nazaré durante a procissão pudesse ser criado. Com os aplicativos para acompanhar a procissão conectados via GPS (Sistema de Posicionamento Global), fazer este percurso virtualmente ficou mais fácil:

A era da Internet foi aclamada como fim da geografia. De fato, a Internet tem uma geografia própria, uma geografia feita de redes e nós que processam fluxos de informação gerados e administrados a partir de lugares. Como a unidade é a rede, a arquitetura e a dinâmica de múltiplas redes são as fontes de significado e função para cada lugar. O espaço de fluxos resultantes é uma forma de espaço, característico da Era da Informação, mas não é desprovida de lugar: conecta lugares por redes de computadores comunicadas e sistemas de transporte computadorizados. Redefine distâncias, mas não cancela a geografia. Novas configurações territoriais emergem de processos simultâneos de concentração, descentralização e conexão espaciais, incessantemente elaborados pela geometria variável dos fluxos de informação global (CASTELLS, 2001, p. 170).

A berlinda é um pequeno coche que transporta a imagem da santa durante as procissões do Círio, quando ela passa, a multidão para e observa a sua passagem pelas ruas de Belém. A localização dela sempre foi acompanhada inicialmente pelo rádio e posteriormente pela televisão, dessa forma, os fiéis conseguiam saber em qual trecho do percurso ela se encontrava. Após o surgimento dos dispositivos digitais (celulares, *tablets* e *smartphones*) e o *boom* dos aplicativos, ficou rápido obter com precisão a posição geográfica, por meio do GPS, que permite visualizar a localização da berlinda e, assim, acompanhar a romaria virtualmente.

O lançamento do Aplicativo do Círio, em 2013, gerou surpresa perante a comunidade, após ser lançado no site do Círio e também na página do *Facebook*, pois seguir a berlinda pelo GPS reconfigura a forma de enxergar a localização espacial do ritual pela tela do computador ou do *smartphone*, e não necessariamente de forma presencial. O aplicativo pode ser baixado gratuitamente direto do *Google Store* e contava inicialmente com as seguintes funções em sua primeira versão: O Círio; Programação; Acompanhe; Mídia; Notícias e O Pará. A segunda versão sofreu mudanças relevantes tanto estéticas quanto funcionais, apresentando as seguintes novas funções: O Círio de Nazaré; Programação; Acompanhe a Santa; Últimas notícias; Mural do Círio; Conheça Belém e Utilidade pública.

O aplicativo idealizado pela empresa de Processamento de Dados do Pará (Prodepa) e batizado de Kd a Berlinda? – parodiando uma expressão muito comum utilizada pelos paraenses curiosos em saber em qual parte do percurso a berlinda se encontra: “cadê a berlinda?”. Este aplicativo encontra-se

disponível apenas durante a semana do Círio no endereço eletrônico: www.kdaberlinda.pa.gov.br e é compatível com as plataformas *Android* e *IOs* dos dispositivos móveis (*tablets* e *smartphones*) e também computadores, a primeira versão foi lançada em 2012.

A criação e relançamento deste dispositivo de monitoramento via GPS integrou as ações voltadas à agenda turística do Círio 2014 em uma iniciativa e parceria do Governo do Estado do Pará por meio da Secretaria de Estado de Turismo (SETUR), Companhia Paraense de Turismo (PARATUR), DIEESE/PA (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos do Estado do Pará), SINART (Sociedade Nacional de Apoio Rodoviário e Turístico Geral), INFRAERO (Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária), BELEMTUR (Coordenadoria Municipal de Turismo do município de Belém), Espaço São José Liberto, Companhia de Portos e Hidrovias do Estado do Pará, Estação das Docas, PRODEPA (Empresa de Processamento de Dados do Pará), Museu Histórico do Estado do Pará e Capitania dos Portos da Amazônia.

Figura 31 – Anúncio do Aplicativo do Círio 2013



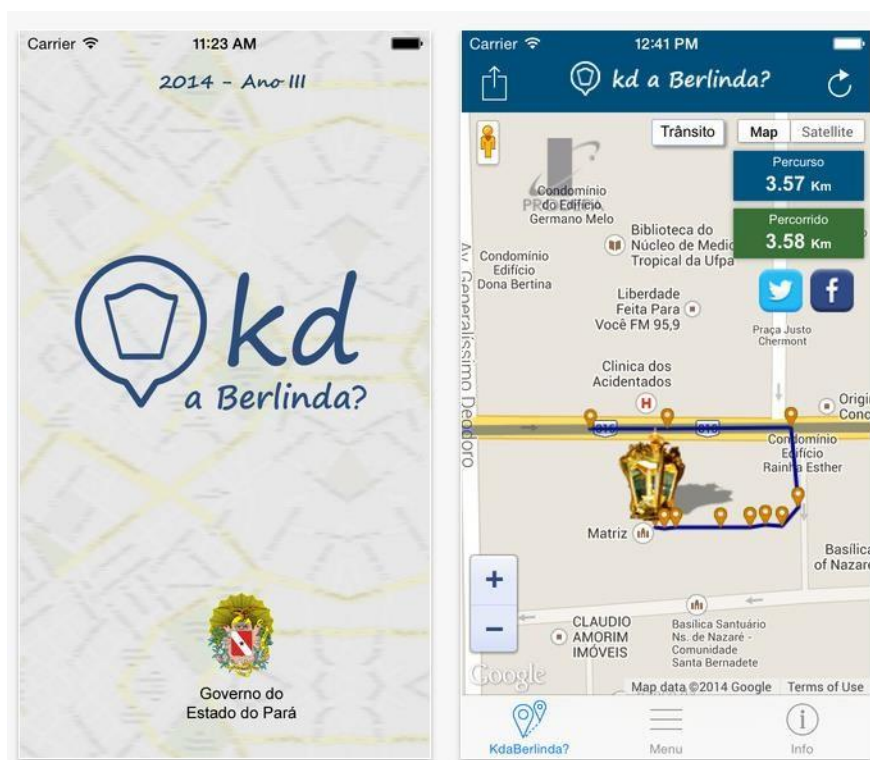
Fonte: Facebook (2013)

Figura 32 – Anúncio do Aplicativo do Círio 2014



Fonte: Itunes, 2014

Figura 33 – Anúncio do aplicativo Kd a Berlinda?



Fonte: Itunes, 2014

Os aplicativos feitos para o acompanhamento virtual da romaria, não oferecem efetivamente um canal para a obtenção de transcendência religiosa e espiritual e nem são vistas como ídolos de adoração, mas a possibilidade da teleparticipação por meio dos dispositivos oferece uma sensação de pertencimento pelo simples fato de postar suas imagens, comentários e percepções ao durante a procissão.

Após conhecer e observar as possibilidades do que estes dispositivos digitais permitem em tempo real, acompanhamento das notícias e participação virtual, o caminho fica aberto para a discussão da participação simultânea dos fiéis na romaria tradicional e na romaria virtual e também para a virtualização da manifestação religiosa tradicional e a sua espetacularização no ambiente virtual.

3. A VIRTUALIZAÇÃO

Este último capítulo discute a virtualização do Círio de Nazaré por meio de seu site, perfis sociais e aplicativos para *tablets* e *smartphones* disponíveis gratuitamente nas lojas *Google Play* e *Apple Store*, as questões acerca do ritual religioso e como ele se reconfigura no ciberespaço, além de tratar de como o vínculo comunicativo é diluído quando o fiel que participa da romaria virtual apenas tem a sensação de interação e pertencimento ao grupo de romeiros que está lá durante a caminhada. Os estudos sobre mídia e religião proporcionam uma variedade de pensamentos e linhas de pesquisa que ajudaram na construção deste trabalho, além de contar com o reforço das imagens de compartilhamentos feitas durante a peregrinação de 2013 e 2014 e imagens das interações sociais anteriormente mostradas. A religiosidade adere a novos contornos.

Uma nova Igreja é criada, universal e virtual. Os templos são os próprios lares; os púlpitos são os aparelhos de televisão; o sinal da pertença ao grupo se expressa no consumo. Somente é fiel dessa Igreja aquele que possui capacidade de consumir alguns dos produtos por ela vendidos. Repete-se, no campo religioso, o que Canclini aponta para o campo social e político: consumidores e cidadãos. Aqui, consumidores e fiéis. (GOMES, 2002, p. 10).

Estes consumidores fiéis fazem jus ao título quando participam simultaneamente nos dois eventos, o presencial e o virtual. Um exemplo deste fenômeno são os fiéis romeiros virtuais, do ponto de vista comercial, geram número de visualizações das páginas, curtidas nos perfis sociais e uma infinidade de comentários sobre o que se passa durante a festa. O fenômeno da ciber-religião aparece de várias formas nessas manifestações religiosas virtuais. A partir dos próximos subitens os temas mencionados serão discutidos e analisados sob o viés da Comunicação.

3.1 A IGREJA VIRTUALIZADA E A VIRTUALIZAÇÃO DO RITUAL

Antes de enveredar pela virtualização do Círio, é importante conhecer os impactos que a virtualização dos ambientes têm sobre a sociedade e como a sociedade reage a esta crescente virtualização.

O virtual não se opõe ao real, mas só ao atual. O virtual possui realidade plena entanto virtual. [...] O virtual deve ser definido, então, como uma parte estrita do objeto real - como sim o objeto tivesse uma de suas partes no virtual [...].

[...] longe de ser indeterminado, o virtual está absolutamente determinado.

[...] o virtual, pelo contrário, é característico da Idéia; é a partir da sua realidade que a existência se produz, e é produzida formalmente (DELEUZE, 1993, ps. 338 a 342).

A virtualização está onipresente na sociedade atual e é possível observá-la em diversos níveis, como por exemplo, nos sites empresariais, institucionais, pessoais, perfis em redes sociais, *e-books* e jogos de simulação da realidade. Quando se fala da igreja o nível de virtualização está equiparado, pois além dos exemplos já citados, é possível encontrar a velas virtuais, grupos de orações em redes sociais e até mesmo o tema que norteia este estudo: a romaria virtual.

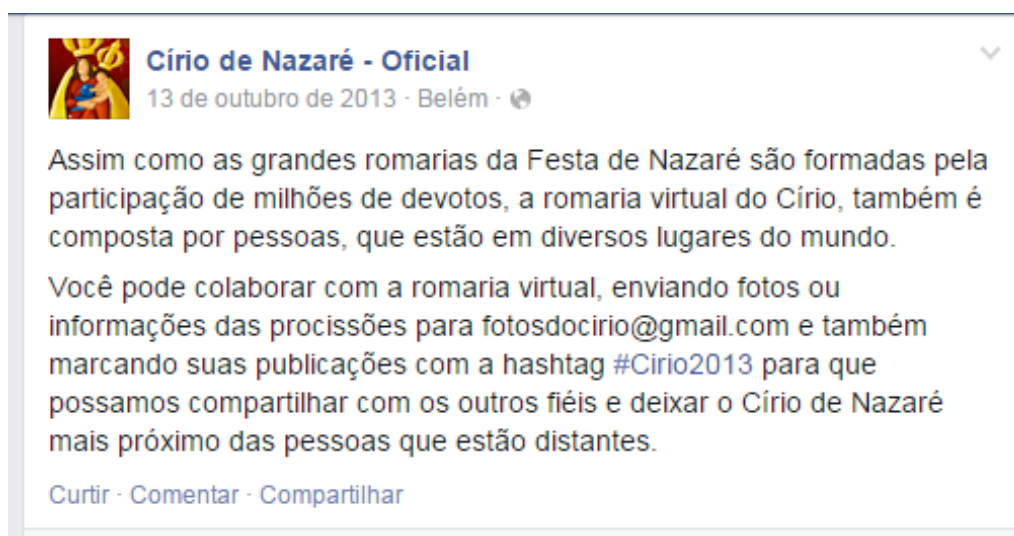
Pode-se perceber que grande parte das instituições religiosas tem uma página na Internet, além dos canais ou programas de TV, rádio e jornais, e esses veículos têm como função fornecer informações institucionais e operacionais sobre a igreja em questão. As páginas e perfis da Basílica Santuário exemplificam bem a dinâmica de oferecimento das informações, bem como as possibilidades de interação prometidas pelas redes sociais, a migração para o espaço virtual é uma tentativa de aproximação da igreja com a comunidade que dela participa.

A noção de “comunidades virtuais”, proposta pelos pioneiros da interação social na internet, tinha uma grande virtude: chamava a atenção para o surgimento de novos suportes tecnológicos para a sociabilidade, diferentes formas anteriores de interação, mas não necessariamente inferiores a elas. Mas induziu também a um grande equívoco: o termo “comunidade”, com todas as suas fortes conotações, confundiu formas diferentes de relação social e estimulou a discussão ideológica entre aqueles nostálgicos da antiga comunidade, espacialmente limitada, e dos defensores entusiásticos da comunidade de escolha possibilitada pela Internet. De fato, para sociólogos urbanos, essa é uma discussão muito velha, que reproduz debates anteriores entre os que viam o processo de urbanização como o desaparecimento de formas significativas de vida comunitária, para serem substituídas por laços seletivos e mais fracos entre famílias espalhadas na metrópole anônima, e os que identificavam a cidade com a libertação das pessoas de formas tradicionais de controle social (CASTELLS, 2001, p. 105).

Além de participarem da comunidade que frequenta ativamente ou não a igreja, a comunidade virtual tem ganhado espaço e opções de interação entre os participantes, que cabem nos níveis discutidos no capítulo anterior: para cada tipo de opção na Internet existe um tipo de interação que se aplica mais adequadamente. A principal motivação que pode ser observada nas imagens de compartilhamentos e comentários nos perfis sociais da Basílica é a possibilidade de fortalecimento de laços enfraquecidos pela distância em nível mais particular, a geografia da Internet não apresenta fronteiras físicas.

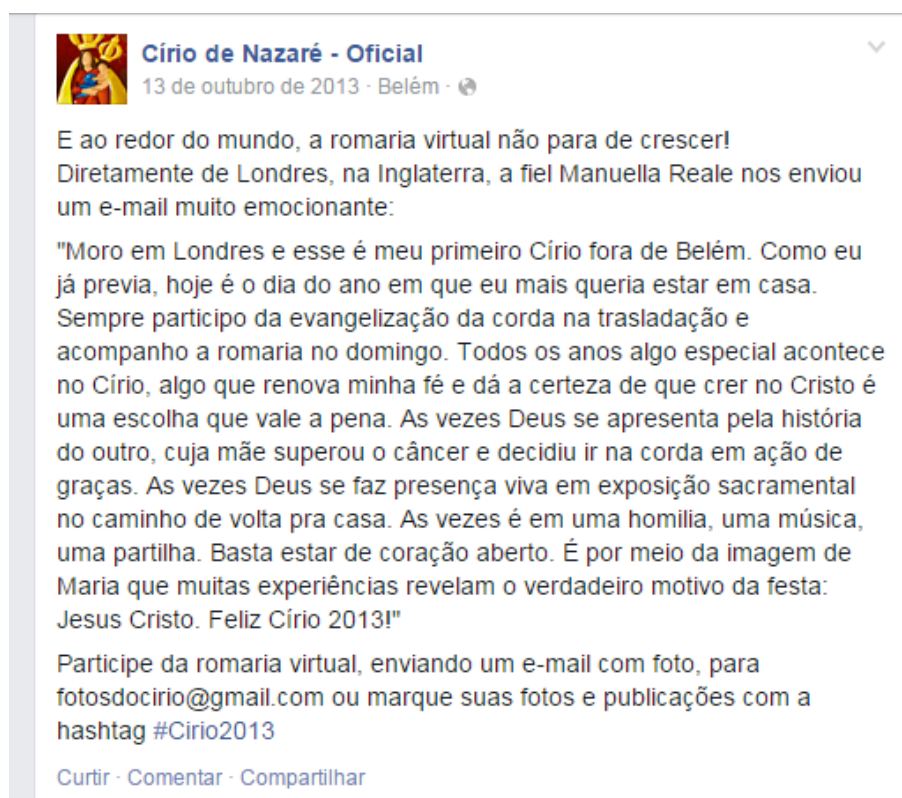
Dentro do modelo proposto pelas redes sociais e o surgimento da romaria virtual, e após observar a movimentação que ocorreu em 2013 e 2014, fica evidente que de modo geral, os participantes virtuais utilizam a ferramenta para mostrar que estão presentes, ainda que seja virtualmente. As imagens a seguir revelam algumas pessoas que fazem pedidos, outras fazem agradecimentos e algumas até lamentam o fato de não poder estar presente durante as festividades.

Figura 34 – Anúncio convocando os Romeiros Virtuais



Fonte: Facebook (2013)

Figura 35 – Manifestações dos Romeiros Virtuais



Fonte: Facebook (2013)

A participação espontânea das pessoas nesse ambiente virtual sugere entre elas uma unidade que não é efetivamente concreta. A observação de forma isolada das manifestações de fé mostra que cada uma dessas pessoas demonstra porque sente a necessidade pessoal e que não se encaixa necessariamente no ambiente da romaria virtual. Esta comunidade existe no ciberespaço, fora dele é apenas mais um conglomerado de pessoas que não se conhecem e não possuem laços afetivos, estão ligadas nesse contexto pela Cibercultura.

A expressão “Cibercultura” está relacionada com computadores, *hardwares* e *softwares*, redes telemáticas, internet e tecnologias digitais. A Cibercultura não diz respeito apenas ao que é realizado em ambientes digitais; é uma configuração sociotécnica culturalmente ampla, que abarca parte da vida social. Esse painel acontece na envergadura da pós-modernidade (MIKLOS, 2012, p. 92).

A vida social se reconfigura dentro da Cibercultura assim como as manifestações religiosas, as relações de tempo e espaço são diluídas porque é possível fazer a romaria do Círio virtualmente, no entanto, isto não seria possível se a romaria tradicional não existisse, pois uma depende da outra para acontecer. Esta classificação de virtual se encaixa na etimologia ligada à Informática. Segundo o verbete sobre o virtual contido no Dicionário da Comunicação (2014, p. 462), Deleuze aponta que “o virtual está no plano do ser, do ente. O que a realidade dispõe à nossa frente é uma forma de atualização ou de realização desse virtual”. A partir da constituição do ambiente virtual pode-se perceber a virtualização, mesmo a dos ambientes religiosos em diversos níveis: as velas e novenas virtuais, grupos de orações, páginas que sugerem interação e a romaria virtual.

A contaminação e influência mútua entre os meios e dispositivos de comunicação e as formas de religião não é um fenômeno recente, praticamente todas as igrejas cristãs têm uma estação de rádio, um programa de televisão e um site que serve como ferramenta de comunicação classificadas a partir dos modelos sugeridos no capítulo anterior. É possível ter seu pão de Santo

Antônio abençoado pelas ondas do rádio ou pelo sinal *Full HD*²³ da televisão digital. Os rituais conseguem chegar aos lugares mais longínquos por meio dos fios condutores ou das ondas invisíveis das mídias terciárias.

A mídia terciária, diz Pross, “são aqueles meios de comunicação que não podem funcionar sem aparelhos tanto do lado do emissor quanto do lado do receptor” (Pross, 1971:226). Contam aí a telegrafia, a telefonia, o cinema, a radiofonia, a televisão, a indústria fonovideográfica e seus produtos, discos, fitas magnéticas, CDs, fitas de vídeos, DVDs etc. Considerando-se que estamos falando de um sistema (a comunicação humana) e sua complexificação, não é difícil compreender que a cumulatividade é um de seus princípios fundamentais, permitindo assim a constituição de uma memória (BAITELLO JR, 2005, p. 82).

Ao pensar na cumulatividade de possibilidades que a Basílica de Nazaré possui e posteriormente o desenvolvimento de dispositivos com acesso à Internet, fica evidente que os fiéis buscam uma forma nova para o *religare*, ainda que esta forma seja virtual e lhes dê a sensação de participação ou teleparticipação do Círio pela rede de computadores.

A palavra *religare* é formada pelo prefixo *re* (outra vez, de novo) e o verbo *ligare* (ligar, unir, vincular). O *religares*, nesse sentido, é a forma primeira do vínculo, concebida não só como vínculo entre os homens e seus deuses, mas especialmente entre os próprios homens. Embora a religião ambicione ligar, unir os homens, ela foi e é, muitas vezes, motivo de separação e guerras entre eles. A religião une iguais e é pretexto para separar os diferentes (MIKLOS, 2012, p. 18).

A busca por se vincular aos outros participantes do evento faz com que os fiéis encontrem alternativas à distância geográfica que os separa da festividade ou até mesmo a opção pela facilidade de acompanhar o trajeto de casa. Os vínculos que existem na reunião das pessoas naquele dia é dissolvido nas telas dos *smartphones* ou *tablets* e o que fica é a sensação de estar efetivamente participando da festa, quando na realidade o fiel está

²³ “*Full High Definition*”, Alta Definição Completa. Significa que a tela tem resolução de 1080p. São 1080 linhas de resolução vertical e 1920 linhas de resolução horizontal, ou um total de 2.073.600 pixels para formar a imagem. O “p” depois do 1080 é de “*progressive scan*” e indica que a imagem não passa pelo “*interlacing*” (entrelaçamento de linhas pares e ímpares). Disponível em: <http://www.lge.com/br/glossary>. Acessado em: 27 jan. 2015.

teleparticipando imerso no simulacro que a romaria virtual proporciona. O ritual converte-se em espetáculo midiático e os vínculos têm seus sentidos modificados.

3.2 O RITUAL CONVERTE-SE EM ESPETÁCULO

Nem mesmo a Igreja passou incólume ao mundo virtual e, nesse sentido, a virtualização do campo religioso proporciona a análise da romaria virtual de Nazaré, a virtualização do ritual religioso e os aspectos comunicacionais que ela apresenta bem como as suas reconfigurações. Após um relato sobre o Círio de Nazaré, a lenda que ilustra os contos populares locais, a popularização e efetivação da festa como um evento institucional, apresentou-se a multiplicidade de elementos sagrados e profanos, a singularidade religiosa até chegar a virtualização da romaria.

A romaria virtual é um evento que chama a atenção pelo paradoxo em sua chamada de apresentação, pois rituais religiosos exigem alguns elementos dispendiosos e exclusivamente presenciais, como o sacrifício físico que a romaria impõe e que não ocorre no campo virtual. Ou ainda, como a interação entre os grupos é possível estando longe fisicamente e perto virtualmente. Se o virtual é possível porque antes existe o real e, levando em consideração que o evento virtual do Círio necessita de um dispositivo conectado à Internet, a discussão agora é a validade do ritual considerando os aspectos da virtualização e dos rituais religiosos.

Ao participar presencialmente de uma procissão do Círio de Nazaré é possível ver em todos os lugares pessoas diferentes com intenções muito semelhantes, sejam elas de agradecimento ou de pedido de milagres. Algumas pessoas são tão intensas em suas atitudes e ações que chegam ao limiar do esforço físico: fazem o trajeto do Círio de joelhos, descalços, segurando a corda, com ex-votos suspensos, pequenas casas ou embarcações em suas cabeças, livros e apostilas e tantas outras coisas curiosas que podem ser observadas durante o trajeto da Sé até a Basílica Santuário. Todos estes pequenos rituais acontecem anualmente há mais de duzentos anos no segundo domingo de outubro, então, a questão é como eles poderiam ser

reproduzidos virtualmente por meio de um aplicativo para *smartphone*. Sobre os rituais, Sosis (2005) afirma que:

Há uma forma especialmente vigorosa de assegurar a confiança. O biólogo israelense Amotz Zahavi observou que muitas vezes é do interesse do animal enviar sinais desonestos, como falsear seu tamanho, força, agilidade, saúde ou beleza. O único sinal crível seria aquele dispendioso demais para ser simulado, algo que chamou de *bandicap*. Segundo Zahavi, a seleção natural favoreceu a evolução dos *bandicaps*. Quando o antílope localiza o predador, começa muitas vezes a pular. Esse comportamento intrigou os biólogos durante anos. Por que o antílope desperdiçaria a preciosa energia que poderia ser usada para escapar? E por que o animal se faz assim mais visível ao predador? A razão é que o antílope está revelando suas habilidades para fugir, como se estivesse dizendo ao predador: “Não vale a pena me seguir. Veja como as minhas pernas são fortes, você não conseguiria me alcançar”. E por que o predador acredita no antílope? Porque o sinal que este emite é dispendioso demais para ser fingido. O antílope que não é forte o bastante para fugir não pode imitar o sinal, já que não é forte o bastante para saltar repetidamente a certa altura. Assim, a exibição pode proporcionar informação honesta quando os sinais são tão dispendiosos que organismos de qualidade inferior não se beneficiariam ao imitá-los (SOSIS, 2005, p. 42).

Figura 36 – Romeiros cortando a corda do Círio



Fonte: Diretoria da Festa (2014)

A comparação com o mundo virtual talvez possa mostrar que os rituais do mundo animal não estão distantes dos rituais religiosos que são observados cotidianamente. Os sinais tão dispendiosos não podem ser reproduzidos no ambiente virtual. Ainda segundo Sosis:

Da mesma forma, o comportamento religioso é um sinal dispendioso. Ao vestir pesadas roupas sob o sol intenso, os ultraortodoxos estão sinalizando uns aos outros: “Sou judeu *haredi*. Se você também é parte desse grupo pode confiar em mim. Afinal, por que outra razão eu estaria vestido assim? Ninguém faz isso, a menos que acredite nos ensinamentos do judaísmo ultraortodoxo e esteja comprometido com meus ideais e objetivos”. O que estes homens estão indicando é o nível de adesão a um grupo religioso específico.

Esse comprometimento envolve várias crenças e rituais embora benefícios físicos ou psicológicos possam estar associados a certas práticas rituais, o tempo, a energia e os custos financeiros envolvidos constituem uma barreira para os que não acreditam nos ensinamentos da religião. Nada estimula os que creem a se juntar ou permanecer no grupo religioso, já que os recursos envolvidos são elevados (pensemos no dever de orar três vezes por dia, comer apenas os alimentos preparados de acordo com a lei judaica ou doar parte dos rendimentos a obras de caridade).

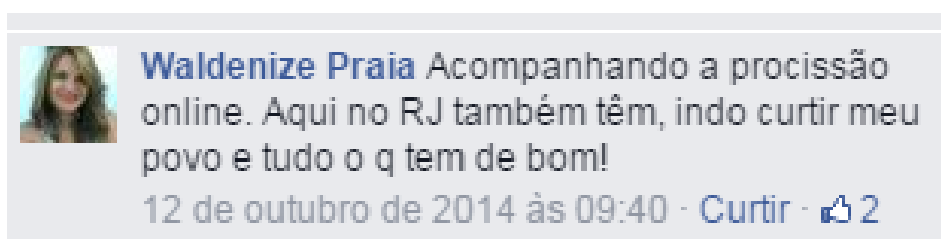
Os que cumprem as exigências rituais impostas por uma religião acreditam sinceramente nas doutrinas da comunidade religiosa, e os outros podem confiar nisso. Ao aumentar os níveis de confiança e adesão entre seus membros, os grupos religiosos minimizam os custos de mecanismos de controle, necessários quando é preciso enfrentar o problema dos aproveitadores que prejudicam a obtenção dos objetivos comuns. Assim, a vantagem adaptativa do comportamento ritual é sua capacidade de promover e manter a cooperação, desafio que, provavelmente, nossos ancestrais enfrentaram ao longo da evolução (SOSIS, 2005, ps. 42 e 43).

Após entender os significados dos rituais religiosos ou não, a partir desta perspectiva fica evidente que a virtualização do Círio tem seu significado mais singular esvaziado, que é o sacrifício físico ao fazer a longa caminhada. Como acompanhar a procissão sem caminhar pelas ruas de Belém? Como pedir uma graça ou pagar uma promessa sem estar presente? Como é possível que a virtualização de uma caminhada tradicional seja capaz de substituir a presença física? O caminho mais próximo das possíveis respostas está na

espetacularização e virtualização do ritual, tanto em campanhas nas mídias tradicionais quanto na utilização de dispositivos eletrônicos.

A essa nova ambiência espacial das sociedades contemporâneas corresponde um contexto comunicativo que, com as crescentes facilidades técnicas nas telecomunicações, predispõem a uma espécie de utilização invertida dos aparatos midiáticos; ou seja, o meio que primeiramente se prestava a ser um conector/vinculador entre as partes comunicantes, passa a agir algumas vezes como um distanciador simbólico para pessoas submetidas a um ambiente saturado, já que interpõe, entre as partes envolvidas, aparatos eletrônicos e elementos técnicos. Isso ajuda, por exemplo, a entender o porquê de tantas pessoas usarem mensagens de e-mail para se comunicar com seus vizinhos de mesa nos exíguos ambientes de escritório (CONTRERA, 2006, ps. 109 e 110).

Figura 37 – Romeira Virtual



Fonte: Facebook (2014)

Figura 38 – Promesseira



Fonte: Facebook (2014)

Sob este aspecto, pode ser que seja mais fácil teleparticipar da romaria virtual do que participar efetivamente dela nas ruas, pode-se fazer pedidos e agradecê-los mentalmente, sem ter que sofrer na longa caminhada debaixo do sol escaldante e de umidade relativa do ar extremamente alta²⁴. A opção virtual oferece a possibilidade de participar sem estar lá, ver o caminho percorrido em tempo real sem ter que disputar um lugar na rua ou sem ter que passar pela agonia de balançar os pequenos leques de papel distribuídos ao longo do caminho para se aliviar do calor, sem ter os sapatos estragados, sem machucar as mãos, sem ter que passar por longos e penosos minutos até encontrar um banheiro ou água gelada. A romaria virtual retira a despesa, o pagamento do ritual, a dispendiosidade, sobrando apenas a sensação de participação.

Isso nos leva a pensar se uma das razões do sucesso da televisão nesse contexto, e mais especificamente o sucesso dos programas como os *reality-shows*, não reside exatamente no fascínio por estas novas formas de teleparticipação, adotadas por uma sociedade superpopulosa que prefere viver televivências emocionais enquanto se protege e se defende, vendo tudo sozinho da sala da sua casa-fortaleza, encastelado em condomínios fechados ou em prédios residenciais, e desacreditada de que os contatos pessoais promovam alguma experiência sensorial prazerosa (e não apenas o desprazer das conduções lotadas, das ruas inabitáveis, das intermináveis filas para tudo etc.) (CONTRERA, 2006, p. 110).

Diante da possibilidade de teleparticipação, é muito mais simples fazer o *download* do aplicativo gratuito na loja virtual do *Google Play*, acessar e fazer o caminho virtual seja pelo Aplicativo do Círio²⁵ ou pelo KD a Berlinda?²⁶. O usuário dos aplicativos emerge no simulacro²⁷ que eles oferecem na busca

²⁴ <http://www.belemdopara.tur.br/clima.html>. Acessado em: 25 jan. 2015.

²⁵ <https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.cirio2012>. Acessado em: 27 jan. 2015.

²⁶ <https://play.google.com/store/apps/details?id=br.pa.prodepa.kdaberlinda>. Acessado em: 27 jan. 2015.

²⁷ Fonte: (s.m) Etim.: do latim *simulacrum*, imagem (de divindade pagã), ídolo. Teoria da Comunicação. Simulacro é o principal conceito no pensamento de Baudrillard*. Para ele, o mundo atual é uma simulação elaborada sobre representações de representações, ou seja, uma cópia sem existir um original. Todo o desenvolvimento tecnológico e os meios de comunicação levariam as pessoas a acreditar que essas simulações são a própria realidade identificável quando, na verdade, ela seria formada por imagens falsas em que o signo se torna

pela transcendência divina ao sentir que está de fato participando do Círio. Os dispositivos que prometem a teleparticipação e a sensação de pertencimento ao grupo e que usurpa o valor da caminhada presencial.

Figura 39 – Trajeto da Romaria Virtual



Fonte: Facebook (2014)

O tempo destinado a fazer a caminhada agora é direcionado a outras atividades, porque na sociedade virtualizada da atualidade não há tempo a perder com uma caminhada tão longa quando se pode fazê-la pelos aplicativos, além de ser possível estar “lá e cá” ao mesmo tempo no ciberespaço. As duas coisas podem ser feitas simultaneamente, tanto a caminhada virtual quanto a caminhada presencial. Há quem faça as duas romarias, no desejo de viver os dois universos paralelos: o *glocal*.

[...] o glocal se mostra como aquilo que de fato é: um “implante tecnológico” forjado no âmbito local, um esquema mediático “cavado” em cada reduto imediato de ação do corpo, exatamente para dar sustentação material à completa irradiação simbólica e imaginária do que pertence à ordem global (TRIVINHO, 2007, p. 260).

Esta reconfiguração de tempo e espaço proporciona a sensação de estar nos dois lugares ao mesmo tempo, gerando outra sensação, que é a de transcendência. As emoções que podem ser vistas nos comentários e compartilhamentos demonstram que aquele canal proporciona este tipo de sensação, no entanto, a mediação e interação entre as pessoas é uma sugestão e não algo que possa ser considerado concreto, pois o ritual religioso entre outras coisas, requer obrigatoriamente a presença para ser validado pelo grupo.

Sem as práticas rituais, que testemunham sobre o caráter gregário da espécie de modo a reforçar a sociabilidade, os indivíduos não se vinculariam nem fortaleceriam seus vínculos, já que estas práticas criam novos vínculos e mantêm a memória dos vínculos já existentes. Considerando que os vínculos comunicativos alimentam-se do universo simbólico e mítico partilhado, bem como das linguagens e de suas codificações, cabe ao ritual ser o ato de alimentar-se, o alimento da refeição partilhada desses alimentos. O ritual confirma, reatualiza e reforça o caráter social e partilhado dos códigos culturais. Por isso as práticas rituais são tão fundamentais nas relações comunicativas, em especial nos momentos de estranhamento e transição. Momentos nos quais os vínculos precisam ser criados e/ou reforçados ou o grupo estará sob ameaça. (CONTRERA, 2005, p.3).

A preparação da festa é um grandioso ritual e tem seu momento de ápice no segundo domingo de outubro quando acontece a romaria do Círio, o fiel que opta pela versão virtual da romaria, não cumpre parte desse ritual e consequentemente os vínculos não se renovam e nem se fortalecem naquele

momento. O que fica é o espetáculo²⁸ real e virtual acontecendo simultaneamente, pois, segundo Contrera (2005, p.121) “Com a perda da presença, perde-se o ritual, e o que temos é a transformação do ritual em espetáculo”.

Figura 40 - Promesseira Virtual



Fonte: Facebook (2014)

Figura 41 - Promesseiro



Fonte: Facebook (2014)

²⁸ (s.m) ►Etim.: do lat. *espetaculum*, i, conjunto de coisas ou de fatos que são apresentados ao olhar do público, como festividades, cerimônias, jogos diversos, passíveis de provocar e de manter a atenção dos assistentes. Fonte: Dicionário da Comunicação, 2014, p. 175.

A mediação existente entre as pessoas por estas imagens é ilustrada pelos compartilhamentos feitos ao longo da romaria virtual, o que dá volume a esta modalidade de romaria são as imagens e os comentários compartilhados ao longo do percurso para que aquelas memórias de romarias antigas possam ser reconstituídas pelas manifestações feitas pelo aplicativo, como uma tentativa de estar presente, ainda que seja no ambiente virtual. O virtual e o real confundem-se, os fiéis estão lá e estão cá ao mesmo tempo, fazendo as duas romarias em tempos e espaços distintos como se cada uma delas fosse o complemento da outra e assim, o ciclo se fecha, o ritual presencial e o ritual espetacularizado são cumpridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A parte mais difícil ao se tratar de um assunto que é tão próximo da realidade em que se está inserido é correr o risco de deixar a paixão pelo tema se sobressair ao objetivo que se pretende apresentar. A possibilidade de não enxergar a realidade de assuntos tão delicados é grande. Ao longo do trabalho foi possível entender a sinergia entre os assuntos e a construção de críticas e pensamentos que trouxeram esta discussão até aqui, o que não significa que é um fim declarado, mas um breve começo para mais discussões que ainda virão.

Ao começar a descrever as lendas que constituem a história do Círio de Nazaré até as configurações atuais, foi possível perceber que o processo de constituição da festa passou por diversos períodos históricos, no qual uma tradição criada no fim do século XVIII e que sobrevive na atualidade merece ser conhecida e devidamente apresentada para aqueles que desejam sentir-se imersos no ambiente singular e múltiplo que o Círio proporciona por meio dos registros bibliográficos e fotográficos.

As páginas que foram escritas contêm partes importantes para compreender a construção da tradição e as imagens ajudam a ilustrar o cenário que é visto na capital paraense todos os anos: seus símbolos, as pessoas, os pequenos rituais particulares e coletivos, as demonstrações de fé, a reunião entre famílias e o ato de fazer a caminhada. Cada fiel enxerga isso de uma forma distinta, no entanto, ao fazer a caminhada é possível perceber todos estes elementos espalhados pelo trajeto.

Em meados dos anos 2000, quando a Basílica de Nazaré começou a existir também no ciberespaço, porém após esta migração para o ambiente virtual, outras possibilidades começaram a emergir. Existem algumas vertentes de estudo que afirmam a possibilidade de interação entre as pessoas pela Internet, mas como foi mencionado no segundo capítulo, essas possibilidades são classificadas de acordo com o grau de interação entre os participantes.

Um ponto de destaque sobre esse tema é a interação. O site oficial é limitado quanto a isso e as redes sociais prometem a interação, porém ao se observar as imagens das pessoas reunidas em uma casa, todas juntas,

conversando, rezando e compartilhando experiências, essa promessa de interação das redes sociais é facilmente contestada. Para haver a interação é necessário haver o corpo, conforme disse Pross (1972): “toda comunicação começa no corpo e nele termina”. Assim, como negar que a presença do corpo é fundamental para que haja a comunicação e o ritual ao longo da caminhada e de que maneira os fiéis se sentem reproduzindo isso pelo aplicativo e do *Facebook*. Não é possível reproduzir fielmente as sensações da romaria pelo dispositivo digital, para sentir as emoções é preciso fazer o sacrifício e cumprir o ritual.

Fazer a romaria virtual sentado na sala de casa, reunido com outras pessoas que fazem a mesma coisa não constitui o vínculo, seja ele pessoal ou comunicativo, é apenas uma reprodução de ações que estão condicionadas às funções que os aplicativos permitem: a sensação de participar. Para algumas pessoas, de modo individual, a possibilidade de fazer o trajeto *on-line* é uma maneira de se sentir presente, seja pela distância geográfica vinculada à dificuldade financeira ou por motivos de saúde e impossibilidades físicas, a opção do aplicativo em acompanhar as redes sociais é um modo de estar lá.

Neste estudo verifica-se que não são as questões particulares, mas como as características do ritual são esvaziadas, como o vínculo não se constrói de fato, pois não existe o corpo, as pessoas não estão juntas presencialmente, elas estão no ambiente virtual imersas nesse simulacro em busca da transcendência divina e pessoal.

A romaria virtual é uma alternativa para quem não pode fazer a romaria na rua ou sente a necessidade de fazer as duas ao mesmo tempo, no entanto, ela é incapaz de reproduzir as mesmas sensações e cumprir a lei mais absoluta que o ritual impõe: a presença. Em nenhum momento a dispendiosidade exigida pelo ritual pode ser reproduzida apenas pela observação da caminhada pelo aplicativo da romaria, o ritual esvazia-se de seu sentido e o vínculo é usurpado pela pseudointeração no *Facebook* e nos aplicativos para celular. Ainda que o romeiro virtual esteja impossibilitado de estar presente, o simulacro oferecido pelo aplicativo não permite a sensação física.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. **O carnaval devoto** – um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis: Vozes, 1980.

BAITELLO JÚNIOR, N. **A Era da Iconofagia**: ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hackers, 2005.

BAITELLO, JUNIOR. N. Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos. In: RODRIGUES, DAVID (org.). **Os valores e atividades corporais**. São Paulo: Summus, 2008.

BONNA, M. K. **Círio**: Painel de Vida. Belém do Pará: Falangola Editora, 1986.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

CONTRERA, M. A dessacralização do mundo e a sacralização da mídia: consumo imaginário televisual, mecanismos projetivos e a busca da experiência comum. **2.º Encontro de Semiótica da Cultura e da Mídia**, S. Paulo, 2004.

CONTRERA, M. S. **Mídia e pânico**: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume, 2002.

DELEUZE, G. La conception de la différence chez Bergson. In: MICHEZ, A. **Les études bergsoniennes**. Paris: Albin Michel, 1956. v. 4, p. 77-122.

_____. **Le bergsonisme**. Paris: PUF, 1966.

_____. **Différence et répétition**. Paris: PUF, 1993.

FIGUEIREDO, S. L. **Círio de Nazaré**: Festa e Paixão. Belém: UFPA, 2005.

GOMES, Pedro Gilberto. **A tecnologia digital está colocando a humanidade num patamar distinto**. IHU, São Leopoldo, ano 5, n. 35, 138, 2009.

_____. **Da Igreja eletrônica à sociedade em midiatização**. São Paulo: Paulinas, 2010.

HELLAND, C. Surfing for Salvation. **Religion**, 32, ps. 293-302, 2002.

KARAFLOGKA, A. Religious Discourse and Cyberspace. **Religion**, 32 ps. 279-291, 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro (org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2014. 469 p.

MIKLOS, J. **Ciber-religião**: a construção de vínculos religiosos na Cibercultura. São Paulo, Ideias e Letras, 2012.

PUNTEL, J. **Cultura midiática e Igreja**: uma nova ambiência. São Paulo: Paulinas, 2005.

SOSIS, Richard. **O valor do ritual religioso**. Revista Mente e Cérebro. Abril, 2005.

TERRIN, A. N. **O rito**: antropologia e fenomenologia da ritualidade. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2004.

TRIVINHO, E. **O mal-estar da teoria**: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

_____. **A dromocracia cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.

TURNER, V. W. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Vozes, Rio de Janeiro, 1978.

Disponível em:

<http://www.basilicadenazare.com.br/>. Acessado em 10 out. 2014

Disponível em:

<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/000006/0000068C.pdf>. Acessado em: 29 jan. 2015.

Disponível em:

<http://www.ciriodenazare.com.br/>. Acessado em: 08 fev. 2014.

Disponível em:

<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/tempolento.pdf>. Acessado em: 29 jan. 2015.

Disponível em:

<http://dicasdebocas.blogspot.com.br/2012/10/almoco-do-cirio.html>. Acessado em 29 jan. 2015

Disponível em:

http://www.cuiket.com.br/empresa/centro-ita-de-diversoes_2789662.html. Acessado em 20 fev. 2015

Disponível em:

<https://www.facebook.com/ciriodenazare/photos/pb.151712558251312.-2207520000.1424544496./716969011725661/?type=3&theater>. Acessado em 12 out. 2014

Disponível em:

<https://www.facebook.com/ciriodenazare/photos/pb.151712558251312.-2207520000.1415055764./715566968532532/?type=3&theater> Acessado em 03 nov. 2014.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/ciriodenazare/photos/pb.151712558251312.-2207520000.1424477088./774704355952126/?type=3&theater>. Acessado em: 20 fev. 2015

Disponível em:

<https://www.facebook.com/autodocirio/photos/a.595355183830059.1073741827.595274753838102/595355130496731/?type=1&theater>. Acessado em 23 nov. 2014

Disponível em:

<http://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2013/index.html>. Acessado em: 30 nov. 2014.

Disponível em:

<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/524640-cirio-de-nazare-2013-na-era-tecnologica-a-berlinda-e-mobile-e-se-faz-rede>. Acessado em: 29 jan. 2015

Disponível em:

<https://itunes.apple.com/br/app/cirio-de-nazare/id568756547?mt=8>
Acessado em 03 nov. 2014.

Disponível em:

<http://www.kdaberlinda.pa.gov.br/>. Acessado em: 12 fev. 2014.

Disponível em:

<http://marinorbrito.blogspot.com.br/2011/10/festa-da-chiquita-premiacoes-e.html>. Acessado em 23 nov. 2014

Disponível em:

<http://mendescomunicacao.blogspot.com.br/2014/04/arcebispo-e-diretoria-do-cirio-escolhem.html>. Acessado em 20 fev. 2015

Disponível em:

<http://otestemunhodefede.blogspot.com.br/>
Acessado em: 20 fev. 2015

Disponível em:

http://rcccapanemapla.blogspot.com.br/2010_10_01_archive.html

Acessado em: 20 fev. 2015

Disponível em:

<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewFile/456/38>

3. Acessado em 20 fev. 2015

Disponível em:

<http://turismoparaense.blogspot.com.br/2014/09/paratur-capitania-dos-portos-e-prodepa.html>. Acessado em: 12 out. 2014.

Disponível em:

<http://turismoparaense.blogspot.com.br/2013/10/auto-do-cirio-na-agenda-dos-turistas.html>. Acessado em 23 nov. 2014

Disponível em:

http://www.cuiket.com.br/empresa/centro-ita-de-diversoes_2789662.html

Acessado em: 20 fev. 2015

Disponível em:

<http://www.amazoompress.org/?p=3887>

Acessado em 20 fev. 2015

Disponível em:

http://rcccapanemapla.blogspot.com.br/2010_10_01_archive.html. Acessado em 20 fev. 2015